

AQUELE SENTIMENTO *Natalino*



HANNAH BIRD



HANNAH BIRD

AQUELE SENTIMENTO *Natalino*

Traduzido por Marta Fagundes

1ª Edição



2024

Copyright © Hannah Lindsay, 2024

Copyright © The Gift Box, 2024

Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Anastacia Cabo

Tradução:

Marta Fagundes

Preparação de texto:

Ana Lopes

Revisão Final:

Equipe The Gift Box

Arte de capa:

Bianca Santana

Diagramação:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

B618a

Bird, Hannah

Aquele sentimento natalino [recurso eletrônico] / Hannah Bird ;
tradução Marta Fagundes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Tha Gift Box, 2024.
recurso digital (Falcon falls segurança ; 1)

Tradução de: That Christmas Kind of Feeling

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5636-376-9

1. Romance americano. I. Fagundes, Marta. II. Título. III. Série.

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Sumário

[Início](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a Five](#)

DEDICADO AO ANDREW, O COLEGA DE TRABALHO QUE SE
TORNOU O AMOR DA MINHA VIDA.

CAPÍTULO

1



É uma morte inevitável, mas estou chateada do mesmo jeito.

A lâmpada vermelha tem piscado intermitentemente durante boa parte da manhã, enfraquecendo junto com as minhas forças. No lugar onde está, no meio da minha árvore de Natal em miniatura, ela carrega um peso enorme nos ombros. Quando finalmente apaga, a metade superior da árvore fica às escuras. Sem mencionar os minúsculos vestígios do meu espírito natalino.

A apreensão tem lentamente se infiltrado em meus ossos com cada tique do relógio de parede prestes a marcar cinco da tarde. Enquanto todos ao meu redor fervilham de energia, parcialmente infundida pelo excesso de açúcar – cortesia de Lacey, do setor de contabilidade –, eu encaro o ponteiro dos minutos, implorando que desacelere. E que pare.

Aparentemente, estou disposta a mexer com o contínuo espaço-tempo se isso significar evitar mais um feriado com a minha família.

— Trouxe um cookie pra você — diz Paige, colocando o biscoito confeitado e coberto de açúcar refinado na minha mesa. — Bom, a Lacey que trouxe. Mas eu o carreguei da sala de descanso até a sua mesa, então mereço o crédito.

— Valeu. — Arranco um lenço descartável do suporte e uso para pegar o cookie. Não quero melecicar os dedos com o açúcar, muito menos o meu teclado. Uma mordida, e minha boca é inundada por uma delícia amanteigada que faz meu estômago rugir em aplausos. — É a primeira coisa que como o dia todo, e vai deixar no chinelo o sanduíche de presunto na minha marmita.

Ela agita as sobrancelhas.

— São duas da tarde. Por que você não saiu pra comer?

Engulo o resto da sobremesa e uso o lenço descartável para limpar os detritos da minha mesa.

— Estava superocupada.

— Com o quê? Assistindo as lâmpadas da sua árvore se apagarem?

Meu olhar se foca ao dela, que rebate na mesma hora:

— Mulher, minha baia de trabalho é bem ali. — Uma unha pintada de rosa-neon indica a posição da mesa ao lado da minha. — Fiquei observando você observar por tanto tempo que acabei me interessando também. — Ela estende o braço por cima do meu colo e agarra a base da miniárvore, arrastando o objeto pela minha mesa até que fica bem diante dela. Com incrível precisão, ela identifica a lâmpada fracassada e dá uma sacudida antes de bufar de frustração por entre os lábios comprimidos. — Você não tem uma sobressalente, né?

— Deixe-me checar minha gaveta de decorações natalinas reserva — digo, de pronto, abrindo a gaveta superior do meu armário e revelando um monte de bloquinhos- adesivos, cliques de papel e pacotes de sucos instantâneos. — Hmm... desculpa. Devo ter usado no último Natal.

Paige revira os olhos castanho-escuros diante da minha resposta. Minha melhor amiga há quase cinco anos é capaz de ler meus pensamentos de um jeito irritante.

Mesmo assim, quando o olhar dela suaviza e ela solta a lâmpada para colocar a mão no meu ombro, sinto a tensão na minha coluna se dissolver na mesma hora. Às vezes, não importa o quanto você esteja se escondendo, é muito bom ser visto. Talvez, especialmente nestes momentos.

— Eu queria ter uma forma de melhorar os feriados pra você. — Ela belisca de leve a curva do meu pescoço. — Se eu não tivesse que pegar um voo, eu enfrentaria o trânsito de Chicago só para ir aos subúrbios pra dar um sermão na sua mãe e no seu padrasto.

— Ah, escuta só... — Eu a encaro com o que espero ser um olhar pateticamente convincente. — Você poderia me levar junto.

Ela ri, virando-se para arrastar sua cadeira de rodinhas. Assim que sua bunda se acomoda no assento, ela vem até mim como se fosse um caranguejo.

— Se fosse a minha família, eu te levaria com certeza. Você sabe disso.

Balanço a cabeça em concordância, fazendo com que a minha franja desajeitada cubra meus olhos.

— Eu sei. O Tom e a Sarah são os melhores.

— O sentimento é recíproco. — Ela usa ambas as mãos para afastar o meu cabelo dos olhos. — Meus pais te amam. Mas esta viagem é com o Brandon e toda a família dele. Não sei qual é o lance deles com cruzeiros, mas juro que é o único tipo de viagem de férias que eles fazem.

Meu olhar pousa nas partículas de neve flutuando pela janela.

— Quero dizer, eu meio que consigo ver o porquê de eles gostarem tanto.

A cadeira dela range quando ela se recosta com a expressão repentinamente contemplativa.

— Eu estaria mentindo se dissesse que também não consigo ver por que eles amam. Os invernos no Wisconsin são terríveis. — Ela começa a futucar uma cutícula na mão esquerda. — Só é estranho, porque, tipo, a família inteira

dele vai. Os pais, os avós dos dois lados. Até a irmã dele está vindo de Londres para fazer esse cruzeiro.

Em algum momento, ela deve ter sentido o meu olhar a perfurando, porque, finalmente, ela olha para cima.

— O que foi?

— Paige. — Eu me inclino para frente e cubro as mãos dela com a minha. — Você acha que ele vai te pedir em casamento?

Os lábios dela se comprimem, fazendo com que a covinha na bochecha direita apareça. Um brilho enevoado cobre seu olhar quando ela assente, um movimento devagar a princípio e depois tão acelerado que temo que ela tenha um torcicolo.

— Isso é maravilhoso! — Solto um gritinho, e ela faz o mesmo, então logo nós duas estamos gritando e nos abraçando no meio do escritório, com música instrumental natalina tocando através dos alto-falantes chiados, onde as pessoas fingem que estão trabalhando no último dia antes do recesso.

— Vocês duas podem parar? — Glenn resmunga, recostando-se em sua cadeira para que possa espiar por cima das divisórias das nossas baias. — Tem gente realmente trabalhando, sabia?

— Ele está jogando Paciência — Paige murmura. De costas para ele, Glenn nem percebe que ela disse isso, mas tenho que reprimir o riso com uma tosse fingida.

— Claro. Desculpa, Glenn. — Eu consigo me obrigar a dizer. — A gente não queria atrapalhar.

Ele rosna em desaprovação, depois se ajeita na cadeira e some de vista.

Paige recolhe o longo cabelo escuro e ondulado para um lado, expondo seu pescoço. A pele está corada de empolgação, e o tom colore sua pele bronzeada até desaparecer sob a gola do suéter bordô. Pego um caderninho na minha mesa e começo a abaná-la, o que ela aceita de bom grado ao inclinar a cabeça para trás com

uma risada silenciosa para não irritar Glenn.

Quando ela se acalma o suficiente, Paige arranca o caderninho da minha mão e examina a página.

— *Destinos para explorar sozinha* — ela lê. — Ei! Por que não posso fazer a trilha de Narrows com você?

— Primeiro, porque você odeia trilhas. — Agarro os aros de metal do caderno e arranco de sua mão. — E, segundo, você estará por aí se divertindo com o seu noivo.

Faço um esforço para manter o tom de amargura longe da minha voz. Afinal de contas, estou superfeliz pela Paige. Ela e Brandon merecem ser felizes. Às vezes é meio difícil saber que todo mundo tem alguém para chamar de seu. Seja minha mãe e sua nova família, que não têm espaço para mim, ou Paige com o fã-clubes de seu futuro noivo, todos eles fazem parte de algo maior do que apenas eles mesmos.

E, então, tem euzinha. A exceção à regra.

Paige me observa por um instante, com a cabeça inclinada para o lado. Em seguida, com um toque tão suave quanto um sussurro, ela acaricia minha bochecha com os nódulos dos dedos.

— Sinto muito, Amelia. De verdade.

De alguma forma, sem ter tido a intenção, me vejo à beira das lágrimas. Piscando rápido para afastá-las, eu me sento e balanço a cabeça.

— De qualquer maneira, é melhor eu terminar...

— Você sabe quem pode ter uma lâmpada reserva?

— Hmm? — Eu me viro de volta para ela, com as sobrelanceiras franzidas.

Ela estende a mão e toca a árvore de Natal quase morta.

— Uma substituta. — Ela se levanta, pegando a árvore em seus braços, e dá longas passadas no corredor. — Aposto que o Levi tem.

— Levi? — Eu me levanto apressada da cadeira e a sigo.

Com minhas pernas curtas, preciso dar três passos a mais para alcançar os dela, então já estou ficando para trás quando chegamos ao North Hall, a ala norte onde os escritórios novos estão localizados. Com a rápida expansão da Lakehouse Mídia Criativa, ficamos sem espaço após a última rodada de contratações. Isso colocou o nosso recém-contratado analista de mercado em uma baia bem longe da minha – o que tem sido bom para a minha carreira.

Porque Levi Abner é uma distração ambulante, com seus 1,95m de altura. E não é somente a altura; anos jogando futebol americano pela Universidade de Wisconsin deixaram seu corpo naturalmente largo coberto de músculos. A primeira vez que eu o vi em um cubículo de trabalho, quase morri de rir. Parecia que alguém tinha trazido um urso para o escritório e pedido para ele analisar alguns números.

Um urso muito atraente e charmoso.

Todas as conversas que tivemos terminaram comigo toda sem jeito e suando, motivo pelo qual Paige nunca deixa de me zoar. Felizmente, a distância entre nossas mesas e a falta de interseção nas demandas diárias significam que raramente nos esbarramos.

Exceto hoje, aparentemente.

Paige marcha direto até a mesa dele, que, para minha surpresa, está toda decorada para o Natal. Uma guirlanda de festão está pendurada no alto da baia, e cintila sob a luz fluorescente. Flocos de neve cintilantes e enfeites estão suspensos por fitas presas no próprio tecido. Fios de luzes rodeiam a lata de lixo, o armário e, claro, até o monitor. E Paige escolhe logo um grupo de miniárvores lindamente decoradas para colocar a minha desculpa esfarrapada de espírito natalino bem no meio delas.

Levi ergue o olhar diante da interrupção, embora o jeito como seu semblante suaviza com um sorriso largo diga o contrário. Esse é o lance sobre o Levi. Ele não é apenas lindo; ele também é incansavelmente amigável.

É uma combinação letal para o meu coração.

— Oi, Paige. — Seu olhar se desvia dela para mim quando paro logo atrás, com uma camada fina de suor cobrindo a testa. Os escuros olhos azuis se fixam nos meus, e seu sorriso se torna ainda maior. — Amelia. Bom ver você no meu território pela primeira vez.

Essa é a outra coisa sobre o Levi. Ele veio para o Wisconsin para jogar futebol, mas cresceu em algum lugar ao sul do país. Dá para perceber no ritmo suave do sotaque dele, algo tão sutil que me faz querer me inclinar para perto só para ouvir com mais clareza.

Paige pigarreia de leve, me puxando de volta do buraco de coelho no qual caí. De qualquer forma, a culpa era dela por ter me arrastado até aqui, sabendo que meu cérebro não funciona na presença desse homem.

— Hmm, oi. — Ela intencionalmente desvia o olhar de mim para o Levi, arrastando a atenção dele de volta. — Temos um dilema que estávamos esperando que você pudesse nos ajudar.

Ele se inclina nos cotovelos, entrelaçando os dedos.

— Adoro resolver um problema. O que é?

Ele pode ser o único homem no universo que faz essa frase soar sexy.

— Uma lâmpada pifou na árvore da Amelia. — Ela dá um peteleco na lâmpada, o que provavelmente não é bom. *Mas o que eu sei?* — E estávamos nos perguntando se você tem alguma sobrando.

O canto da boca dele se levanta, e meu estômago dá uma cambalhota de um jeito que somente uma garrafa de vinho e um banho quente poderiam aliviar mais tarde.

Exceto se ele entrasse na banheira comigo... isso se ele coubesse, claro.

— Alô, Terra para Amelia. — O rosa brilhante das unhas de Paige passa diante da minha visão enquanto ela estala os dedos para me tirar do primeiro pensamento positivo que tive o dia todo. Droga.

— Desculpa, devo ter dado uma viajada por um segundo. — A covinha de Paige dá as caras devido a um sorriso mal contido. Eu franzo a testa enquanto Levi inspeciona a árvore. — O que eu perdi?

— Eu disse que tenho alguns e-mails urgentes para responder — ela me encara de forma intencional e direta —... mas que você ficaria enquanto Levi conserta a árvore. Tudo bem?

Antes que eu possa abrir a boca para dizer o contrário, ela assente.

— Perfeito. — Com um aceno lançado por cima do ombro para Levi, ela passa por mim voltando para o nosso lado do escritório. — Divirtam-se, vocês dois!

Quando olho de volta para Levi, ele está me observando com uma expressão indecifrável, uma sobrelance arqueada e aquele lábio inferior carnudo preso entre os dentes perolados.

Mudo meu peso de um pé para o outro e engulo em seco, embora minha garganta esteja tão seca que quase engasgo.

— O quê?

Ele balança a cabeça como se também tivesse se perdido em pensamentos e estreita o olhar para a lâmpada entre os dedos.

— Nada. Na verdade, eu tenho uma lâmpada sobressalente que deve servir. Deve estar bem aqui. — Ele se inclina e abre algumas gavetas da mesa antes de encontrar uma que parece ter sido bombardeada pelo Natal. Com um toque surpreendentemente delicado, seleciona a lâmpada certa — uma coisinha minúscula, não maior que um dedal — e fecha a gaveta com o cotovelo.

Eu me sinto incrivelmente estranha só de estar ali parada observando-o. Então entrelaço as mãos à altura da cintura para ter algo em que segurar.

— Obrigada por fazer isso.

— Sem problema. — Ele remove cuidadosamente a

lâmpada queimada e a joga na lixeira ao lado do pé. — Não podemos deixar sua árvore meio apagada tão perto do Natal. Isso estraga o espírito de qualquer um.

Uma risadinha curta e amarga escapa de mim, assustando a nós dois.

Agora é a vez de ele perguntar:

— O quê?

Balanço a cabeça. Jogar traumas em cima do colega de trabalho atraente não está exatamente no topo da minha lista de atividades favoritas. Estou prestes a tentar uma piada para aliviar o constrangimento, embora toda a noção de humor tenha desaparecido da minha mente de repente, quando um telefone começa a tocar e atrai a atenção dele.

Ele pega o celular do bolso, estreitando os olhos para a tela.

— Desculpe, só um segundo.

— Sem problema. Fique à vontade. — Ergo as palmas das mãos suadas, torcendo para que ele não perceba o suor que as cobre.

— Alô? — Mas ele diz isso com aquele jeito distintamente sulista que quase soa como ‘alou’.

Luto contra o sorriso que quer escapulir.

— Oi, Tanya... Ah, sinto muito por ouvir isso. Tem acontecido muito por aí. — Ele ergue uma mão até a testa e aperta a ponte do nariz. — Não, eu entendo completamente. Apenas cuide-se e foque em melhorar.

O barulho distante continua do outro lado da linha enquanto ele abaixa a mão, mas seus olhos permanecem fechados.

— Tudo bem. Não se culpe por isso. Ninguém pega gripe por diversão.

Mais conversa. Começo a me perguntar se deveria apenas pegar minha árvore e fugir.

— Eu agradeço por me avisar. Tenha um bom dia. — Ele faz menção de desligar, mas rapidamente leva o telefone de volta ao ouvido. — Ah, e Tanya? Tente ter um

feliz Natal.

Viu? Tão. Gentil.

Um suspiro audível escapa de seus lábios enquanto ele coloca o telefone na mesa.

— Está tudo bem?

— Era a minha cuidadora de animais. — Ele pega a lâmpada reserva e a encaixa no lugar vazio. — Ela está gripada, então não pode cuidar do meu cachorro neste fim de semana.

Mexo distraidamente na barra do meu cardigã enquanto o observo trabalhar.

— Vai viajar para o feriado?

Ele estuda a régua de energia sob a mesa por um momento antes de decidir qual cabo desconectar. O pisca-pisca ao redor da lixeira se apaga. Ele conecta o meu no lugar. Para minha surpresa, a árvore inteira acende.

Sua expressão se ilumina levemente.

— Sim, eu ia. Mas Finley não pode viajar de carro; ele fica superenjoado e não come por dias depois, não importa o remédio que eu dê antes, durante ou depois. — Ele desconecta a árvore e a passa para mim. — Mas, mudança de planos, acho.

Não sei o que dá em mim – se é o toque dos dedos dele nos meus enquanto trocamos a árvore ou a expressão desolada em seu rosto normalmente alegre, ou o absoluto pavor que sinto de voltar para casa no Natal –, mas, de repente, sem pensar, digo:

— Eu posso cuidar dele.

A esperança cintila nos olhos dele, mas ele contrabalança com uma inclinação questionadora da cabeça.

— Você pode?

— Sim, eu ficaria feliz em ajudar. — Eu me balanço para frente na ponta dos pés, depois para trás nos calcanhares. — Quero dizer, tecnicamente não posso ter cães no meu prédio, mas provavelmente consigo dar um

jeito...

— Ou você poderia ficar na minha casa. — Ele faz uma careta como se a implicação o tivesse atingido em cheio. — Quero dizer, é o que Tanya faz. Tenho um quarto de hóspedes, e já está arrumado para ela. Se isso não for algo com que você se sinta confortável, eu entenderia total.

Um calor instantâneo percorre minha coluna com a ideia de estar na casa dele, a intimidade disso pesando no meu estômago. De algum jeito, consigo responder:

— Não me importo. — Apesar da tormenta hormonal em alta intensidade.

Ele une as mãos e se inclina para frente, apoiado nos joelhos.

— Tem certeza? Não tem nenhum plano? Família... ou...

Não finjo achar que ele está perguntando se sou solteira. Nem por um segundo.

— Não. — Tudo bem, talvez eu não ache. Mas não custa ter esperanças. — Nada.

O suspiro de alívio dele seria fácil de interpretar de outra forma se não fosse pelo fato de que estou literalmente salvando o feriado dele agora.

— Uau, eu nem sei como te agradecer por isso. Quero dizer, claro que vou te pagar. Mas você não faz ideia de quanto isso significa para mim.

Sinto um calor se espalhar pelo meu peito. A lista de pessoas a quem quero fazer felizes na minha vida tem diminuído ao longo dos anos, à medida que aprendi sobre o milagre que são os limites, mas, de repente, Levi Abner acabou de chegar ao topo dessa lista.

E, além disso, um dinheiro extra para financiar essas aventuras solo não seria nada ruim.

— Posso pegar seu número?

Não sei qual expressão aparece no meu rosto, porque fico completamente entorpecida de empolgação, mas deve ser boa, porque Levi imediatamente acrescenta:

— Para eu te mandar o endereço e os detalhes por mensagem? Estou planejando sair amanhã, então, se você puder chegar lá por volta das três, seria ótimo.

Apenas aceno em concordância, porque não confio na minha voz.

— Perfeito. — Ele dá um sorriso amplo e deslumbrante realçado pela barba por fazer e um maxilar muito bem delineado. — Muito obrigado de novo, Amelia. Te devo uma.

Levanto minha árvore alguns centímetros.

— Eu diria que estamos quites.

— Nem de perto. — Ele ri. — Vejo você amanhã?

— Vejo você amanhã.

Eu me esforço para me virar e sair andando, embora pareça que estou andando em melado. A incredulidade me sacode como ondas elétricas. Depois, vem o alívio, silencioso e discreto, logo atrás.

Eu talvez não tenha um Natal com a grande e estereotipada família feliz, mas terei um Natal tranquilo, e isso por si só já é um milagre. O fato de que estou colocando meu crush do trabalho em dívida comigo é só a cereja do bolo.

Quando viro o corredor que leva ao meu cubículo, vejo que Paige decididamente não está respondendo e-mails importantes, e, sim, sentada na minha cadeira com o queixo apoiado na palma da mão. O sorriso mais maroto do mundo ilumina seu rosto, mais brilhante que todas as decorações de Levi juntas.

— E então...? — Ela prende o lábio inferior com uma mordida animada que mal disfarça seu gritinho de empolgação. Glenn se inclina para trás para lançar um olhar. A expressão dela muda para um falso arrependimento. — Desculpa, Glenn.

Ele bufa, mas volta ao jogo sem dizer mais nada.

Conecto o plugue na régua de energia debaixo da minha mesa e levanto minha árvore iluminada para que ela

possa examinar.

— Voilà!

Os braceletes no pulso dela tilintam quando ela bate palmas.

— Yay! Eu te disse que ele podia consertar.

Devolvo a decoração ao seu lugar de direito na minha mesa. Uma pequena parte de mim se exhibe, como uma adolescente, pelo fato de que foi Levi quem cuidou da minha pequena árvore. Um sentimento que só se intensifica quando me lembro da novidade que tenho para contar.

— Ah, então... Eu também talvez tenha definitivamente encontrado uma solução para o meu problema de fim de ano.

Ela se recosta na minha cadeira e cruza as mãos sobre o colo, um pequeno vinco se formando entre suas sobrancelhas cuidadosamente feitas.

— Eu não sabia que estávamos chamando o fato de você não transar há seis meses de problema de fim de ano, mas de nada por te forçar a passar um tempo sozinha com o McDreamy. Qual é o dia do encontro?

— O quê? Não, não é isso... Em primeiro lugar, como você se atreve. — Faço o meu melhor para lançar um olhar zangado para ela, mas o balão no meu peito não me deixa murchar por muito tempo. — Seis meses nem é tanto tempo; você só tem uma visão distorcida por estar em um relacionamento sério, muito obrigada.

Ela olha para o chão e dá de ombros.

— Quero dizer, há teias de aranha no meu apartamento que apareceram em menos tempo...

Dou um leve chute na canela dela. Leve. Mais ou menos.

— Não é esse o ponto!

Ela ri baixinho, inclinando-se para frente para esfregar a canela “atingida”.

— Enfim. — Beijo a palma da mão e pressiono contra sua canela. — O problema não é minha vida sexual...

— Ou a falta dela.

Eu a encaro.

— É a minha família. — *Ou a falta dela*. Argh. — A cuidadora de animais do Levi desistiu de última hora, e ele teria que cancelar os planos de fim de ano, então me ofereci para substituí-la. — O sorriso que toma conta do meu rosto é uma mistura de alívio e animação absurda. — Vou ficar na casa dele enquanto ele estiver fora, então oficialmente não preciso mais ir para casa no Natal.

Os olhos dela se arregalam.

— Não acredito.

Eu balanço a cabeça, rindo o mais baixo possível para não incomodar Glenn.

— Estou falando sério.

— Deixa eu ver se entendi. — Ela levanta uma mão e começa a contar nos dedos. — Você vai ficar na casa dele, dormir na cama dele...

— No quarto de hóspedes — interrompo.

— E fazer o cachorro dele se apaixonar por você? — As sobrancelhas dela dançam de um jeito impressionante que meus músculos faciais jamais conseguiriam imitar. — Millie, isso é incrível. Vocês dois vão acabar furunfando, com certeza.

— Ele nem vai estar lá — rebato. — E quem ainda usa a palavra ‘furunfando’ assim?

— Okay, então... ‘trepando’?

Um som gutural escapa da minha garganta.

— Pior ainda.

— Ah, por favor. — Ela agarra minha mão e a aperta, inclinando-se para perto para que suas palavras fiquem apenas entre nós. — Você tem babado por ele há séculos. Esse é o primeiro passo perfeito para... bem, você sabe.

— Eu te odeio — sussurro, mas sem nenhuma intenção real. — Além disso, você já viu aquele homem? — Passo uma mão pelo meu corpo. — Ele me esmagaria.

Outro movimento de sobrancelhas.

— Ah, ele esmagaria, sim.

— Só estou dizendo que, logisticamente, não funcionaria. — Mordo o interior da bochecha, espiando-a pelo canto do olho. — Mas é uma ótima fantasia.

— Com certeza é — ela solta, ainda com o sorriso firme. — Você vai ter o melhor Natal de todos nós. — Ela se levanta, segura meus ombros com seus braços delicados e me dá um leve sacolejo. — Olha só. Você merece um pouco de felicidade.

— Obrigada, Paige. — Seguro seus cotovelos. — Te devo uma.

Ela pisca para mim, depois me solta e finalmente volta para a própria mesa, devolvendo minha cadeira.

— Eu aceito relatos extremamente detalhados das suas aventuras sexuais como pagamento.

— Vai ter que esperar sentada — retruco, me ajeitando de volta na cadeira.

Desta vez, quando olho para o relógio, parece que ele não pode correr rápido o suficiente. Um fim de semana aconchegada com um cachorro fofo, repleto de leituras e comidas-porcarias, é muito mais empolgante do que ficar de escanteio entre meus meios-irmãos, sendo completamente ignorada.

Enquanto observo a neve cair com mais intensidade pela janela, um sentimento de paz me preenche. Este parece estar se moldando para ser um bom Natal, afinal.

CAPÍTULO

2



Estou agarrando o volante com tanta força que meus dedos estão brancos enquanto tento navegar por uma estrada rural coberta de gelo. Minha visão está quase completamente bloqueada pelos flocos de neve quando um cervo surge na minha frente, fazendo meu coração subir para a garganta.

Bombear os freios não faz nada para ajudar a diminuir a velocidade. Meu carro desliza descontroladamente pelo gelo. Certa de que é assim que tudo termina, lanço um “adeus” mental para o universo. Que maneira terrível de morrer, a caminho do meu primeiro bom Natal desde que meu pai foi embora e nossa família desmoronou.

O cervo continua congelado no lugar, observando todo o desastre com uma indiferença que não combina com a situação. O mínimo que ele poderia fazer era estar tão apavorado quanto eu.

Eu me preparo para o impacto, mesmo enquanto meu pé mantém um ritmo constante no pedal do freio, fazendo de tudo para reduzir o desastre. No último segundo, o cervo finalmente se lembra de seus instintos de sobrevivência e corre para o banco de neve. Ao mesmo tempo, meus pneus encontram tração em um trecho de neve fresca, e minha morte iminente se dissolve em um

quase acidente de proporções épicas.

— Caramba. — Bufos de ar descompassados escapam dos meus lábios, fazendo o desembacador trabalhar dobrado no para-brisa. Estou tremendo da cabeça aos pés. De repente, a decisão de pular o café da manhã parece uma excelente ideia, porque, caso contrário, ele estaria agora decorando o volante do meu carro.

Um rápido olhar no GPS me diz que a casa de Levi está logo à frente, escondida na linha das árvores congeladas, fora da vista. Graças a Deus, porque não acho que meus nervos aguentariam mais dois quilômetros. Meu pé se abaixa hesitante sobre o pedal do acelerador. Avanço lentamente até a entrada da garagem de Levi aparecer. Ela é inclinada, então eu deslizo mais do que dirijo até o final. Uma curva final me deixa em frente a um chalé encantador, com fumaça saindo da chaminé em direção às nuvens acima. Parece algo saído de um conto de fadas, perfeitamente adequado para um homem que é mais urso do que humano.

Um riso nervoso escapa dos meus lábios. Quando saio do carro, minhas pernas estão tão instáveis quanto aquele cervo. E igualmente congeladas.

Achei que tinha deixado o nervosismo para trás, mas, ao ficar aqui na frente da casa de Levi, de repente o sentimento me domina. *E se eu fizer um péssimo trabalho? E se o cachorro dele me odiar?*

E se eu, acidentalmente, deixar uma calcinha para trás e ele me devolver no trabalho?

Eu teria que arrumar um novo emprego. Na verdade, uma nova cidade. *Adeus, Elkhorn. Olá, Programa de Proteção a Testemunhas.*

Enquanto penso para onde me mudaria – talvez Austrália, como nos filmes das irmãs Olsen da minha infância, só para estar em um lugar quente –, a porta da frente se abre. Levi aparece. Ele é tão grande que bloqueia toda a visão do interior da casa. Deve ter se barbeado hoje

de manhã, mas já tem uma sombra surgindo. Um gorro e uma camisa escura de manga longa são todo o traje de inverno dele. Enquanto isso, estou com um casaco acolchoado até os joelhos. O jeans dele parece quase esticar para acomodar os músculos das coxas. Meu olhar continua descendo, admirando cada centímetro dele – quem me dera fosse cada centímetro – quando uma pequena bola de pelos branca atravessa o espaço entre suas botas e se torna o segundo animal a surgir na minha frente hoje.

Em um movimento ágil, Levi pega o cachorro pela cintura e o aninha no braço. Fazendo carinho entre as orelhas dele, Levi me lança um sorriso.

— Você nos encontrou!

— Encontrei! — Faço um gesto na direção de onde vim. — Apesar do cervo que quase me matou no caminho.

Ele faz uma careta, e o cachorro solta um latido agudo.

— É, eles fazem isso. Você está bem?

A preocupação genuína em sua voz derrete algo dentro de mim que não está acostumado com pessoas realmente se importando. Caramba, quando contei à minha mãe que precisava tirar a vesícula no outono passado, ela mal notou que eu tinha falado, muito menos expressou preocupação. Levi me examina da cabeça aos pés e, em seguida, olha para o meu carro. Verificando se há danos? Não sei. Mas o alívio em seu olhar quando volta para mim é evidente. E reconfortante.

— Tudo certo. — Começo a atravessar o caminho coberto de neve. — Só um pouco abalada.

— Mas não perturbada? — Ele sorri, satisfeito consigo mesmo. Ele bagunça uma das orelhas de Finley, arrancando um sorriso correspondente do pequeno cachorro.

— Você não faz shows de comédia à noite, faz?

— É um tipo específico de humor, só isso.

— Está dizendo que meu gosto não é refinado o suficiente?

A risada profunda dele me distrai, e não vejo a placa de gelo no alpendre até ser tarde demais para corrigir o curso. Mesmo de botas, sinto meu pé escorregar assim que piso. Já aceitei que vou acabar no chão quando o braço livre de Levi passa ao redor da minha cintura e me segura no ar.

Minhas mãos se achatam contra o peito dele. Nossas respirações se misturam, o cheiro de hortelã invadindo meu rosto enquanto ergo o olhar para ele, os olhos arregalados de surpresa. Ele está tão perto que, por um segundo, imagino me levantar na ponta dos pés e pressionar meus lábios contra os dele. A visão é tão clara, tão real, que passo a língua pelos meus lábios, como se procurasse o gosto dele.

O olhar dele, de um azul profundo como a meia-noite, acompanha o movimento.

Debaixo da minha palma, o pulso dele acelera. Com certeza por causa da adrenalina. Mas uma parte minha espera outra coisa. E imagina.

Uma língua áspera contra minha bochecha rompe aquelas fantasias.

— Esse deve ser o Finley. — Um riso ofegante escapa de mim.

Levi pisca, então me solta, dando um passo para trás.

— É. Sim. — Ele pigarreia. — Esse é o Finley. Finley, conheça nossa salvadora do fim de semana, Amelia Lawrence.

Ouvir meu nome no barítono delicioso dele envia um arrepio até os meus dedos congelados. Foco meu olhar no cachorro, tentando me concentrar em qualquer coisa que não seja esse homem e o efeito que ele tem sobre mim. Faço carinho no espaço macio entre as orelhas dele, como Levi fez, ganhando outro sorriso canino.

— Tenho que admitir, achei que ele fosse...

— Maior? — O canto da boca de Levi se curva, uma faísca de diversão brilhando no fundo de seus olhos. — O que ele não tem em tamanho, compensa em personalidade, eu prometo.

— E o seu tamanho compensa a falta de personalidade?

Eu me arrependo das palavras assim que saem, mas Levi solta uma gargalhada tão alta que alguns pingentes de gelo se soltam do telhado.

Quando o riso dele finalmente se acalma para um trovão sutil, ele comenta:

— Você é uma pequena fera, Amelia.

Nunca quis ser chamada de pequena fera antes, mas sinto que vou passar o resto da vida perseguindo o prazer desse elogio.

Principalmente para ter o que fazer com as mãos, para que não agarrem a gola dele e o puxem para o meu nível para agradecê-lo adequadamente, dou uma coçadinha no queixo de Finley. Ele parece um Westie, com um bigodinho fofo emoldurando o nariz escuro e a boca rosa e feliz.

— Ele é uma gracinha.

O peito de Levi, que eu achava que não podia ficar maior, infla ainda mais.

— Também acho. — Ele olha por cima do meu ombro. Sigo o olhar dele, percebendo que a neve está caindo mais forte agora. Tanto que já estamos perdendo de vista meu carro, a apenas seis metros de distância. — É melhor eu ir antes que o tempo piore. — Ele coloca Finley no lado de dentro da soleira e faz um gesto para que eu o siga. — Se quiser entrar e se aquecer, eu pego suas malas. Estão no porta-malas?

Eu assinto.

— Eu posso pegar...

— Sem chance. Você está me fazendo um grande favor aqui. — Ele toca meu ombro gentilmente. — É o

mínimo que posso fazer.

Antes que eu possa protestar mais, ele desce os degraus e desaparece na tempestade de neve. Dou batidinhas nos sapatos contra o tapete da porta e sigo Finley para dentro, fechando a porta atrás de mim para que ele não escape. A última coisa que preciso é que ele saia correndo para fora. Com aquele pelo branco, nunca o encontraria na neve.

Estou em um espaço que serve a três propósitos: cozinha, sala de jantar e sala de estar. É decorado de forma simples, dependendo de uma grande janela panorâmica do outro lado de um sofá de couro escuro para entreter o olhar. A densa floresta além do vidro parece mais uma pintura do que vida real. Há uma lareira crepitando. O som de madeira estalando e se partindo se mistura com o som suave da neve caindo sobre o telhado de metal. Uma árvore de Natal domina o canto mais distante, decorada com enfeites prateados e dourados.

Há também luzes por toda parte. Elas estão penduradas nas vigas de madeira que sustentam o teto alto e em todas as superfícies que Levi pôde alcançar, o que, com sua altura, significa praticamente tudo. Duas portas à minha esquerda permanecem fechadas, enquanto a da direita se abre para um banheiro. Eu me acomodo no sofá. Finley se junta a mim, contente em esperar enquanto continuo fazendo carinho no queixo dele.

— Ufa — exclama Levi, um tremor percorrendo seu corpo alto. Ele entra e rapidamente fecha a porta. — Está caindo pesado lá fora. — Minha bolsa preta é colocada sobre a mesa de jantar próxima. Na outra mão, ele segura a sacola de vinho que eu tinha esquecido. — Vejo que você trouxe provisões.

Um rubor sobe às minhas bochechas.

— É sempre bom estar preparado.

— Concordo. — Ele caminha até a geladeira e a abre, revelando uma porta com três garrafas de chardonnay

dentro. Com uma piscadela, acrescenta: — Grandes mentes pensam igual, pelo jeito.

O calor que tomou meu rosto agora desce, se acumulando entre minhas coxas.

— De fato.

Ele adiciona minhas garrafas ao estoque e fecha a geladeira.

— Preparei mais do que apenas vinho. Tem alguns pratos que só precisam ser aquecidos. Recheio, caçarola de milho e coisas do tipo. Comida típica de feriado.

Devo ter parecido surpresa, porque ele continua:

— O quê? Não poderia te deixar aqui sem um jantar de Natal decente.

— Não, isso é ótimo. Só que... — As palavras se embaraçam na minha língua. Como digo a ele que não estou acostumada com gentilezas básicas? Não digo. — Você não precisava fazer isso, só isso. Eu trouxe manteiga de amendoim e pão.

Ele franze o nariz de um jeito decididamente adorável. Eu diria mil coisas ainda mais confusas só para ver isso de novo.

— Sem chance. Não enquanto eu estiver no comando. Falando nisso — ele olha para o relógio inteligente no pulso —, tenho que ir. Certo. A comida do Finley está em uma sacola embaixo da pia. — Ele aponta para o armário correspondente. — Ele come uma porção de manhã e outra à noite, na hora em que você tomar café da manhã e jantar. Ele gosta de comer com você. O quarto de hóspedes é ali. — Sigo seu aceno até a porta de pinho mais próxima, ao lado da lareira. — O controle remoto está na mesinha de centro, mas eu não deixaria lá se você sair, porque o Finley vai mastigá-lo. Ele gosta de dormir com você, se você deixar. Tem uma coleira pendurada no armário do banheiro, para quando quiser levá-lo para fora; em uma tempestade como essa, ele vai resistir, mas deve se desesperar e ceder quando estiver de bucho cheio. — Levi

atravessa a sala, inclinando-se sobre mim para coçar a cabeça de Finley. Sua expressão suaviza, e, após um momento de hesitação, ele se inclina e beija o focinho do cachorro.

O aroma do perfume dele, levemente picante, enche meus pulmões. Um cheiro com o qual certamente vou sonhar quando tomar aquele banho mencionado antes.

— Se eu esqueci de alguma coisa ou se você tiver alguma dúvida, me ligue. — Ele sorri, desta vez para mim. — Realmente não consigo te agradecer o suficiente por fazer isso.

Quero dizer: *Você está me fazendo um favor tão grande quanto*, mas em vez disso mordo a língua e balanço a cabeça.

— Certo, vou indo. — Ele olha entre mim e Finley. — Não deixe esse aqui abusar demais de você.

Finley late, ofendido.

— Anotado — digo, rindo. — Boa viagem.

— Obrigado. — Ele segue para a porta, pegando uma mala com rodinhas que eu não tinha notado ao lado da poltrona oposta a mim. — Vou tentar não matar o Bambi.

— Ei, o Bambi tentou me matar!

— É provavelmente o que o caçador disse no filme também.

Pego a almofada mais próxima e coloco-a em bom uso, mas ele a pega antes que ela possa atingir seu rosto.

— Olha, só porque eu joguei na linha ofensiva não significa que não sei agarrar. — Ele a joga de volta com um movimento leve, sorrindo como se nossa interação tivesse feito o dia dele. — Não se divirtam demais...

— Não vamos.

— Sem mim — ele completa, e antes que eu possa pensar demais nisso, ele desaparece na tarde em meio à neve.

Fico olhando para a porta por um tempo vergonhosamente longo, refletindo sobre suas palavras, até

que meu telefone começa a vibrar. Com um deslizar rápido, uma nova mensagem da Paige aparece na tela.

Paige: Prestes a embarcar no navio. Estou exausta, mas animada.

Eu: Divirta-se muito!

Paige: Você também!! Já chegou?

Paige: A casa do McDreamy tem cheiro de quê?

Eu: Você é tão estranha.

Eu: Mas já que perguntou, perfume e hortelã.

Paige: Ugh, claro que tem. Que tipo de cachorro ele tem? Um pastor alemão? Um pit bull?

Tiro uma foto rápida do Finley, que está de barriga para cima, me dando melhor acesso para coçar sua barriga.

Paige: Ok, não era o que eu imaginei. Mas também, ADORÁVEL.

Eu: Né?

Paige: Se você não roubá-lo, eu roubo.

Paige: Como sua mãe reagiu à notícia?

Um peso se instala no meu estômago. Digito, apago e redigito mil desculpas para justificar por que ainda não fiz aquela ligação particularmente desagradável. Paige, finalmente, perde a paciência.

Paige: AI, MEU DEUS, MILLIE. LIGUE PARA ELA AGORA.

Suspiro, sabendo que ela está certa, mas odiando esse fato ao mesmo tempo.

Eu: Ligando agora.

Paige: Me avise depois. Estou comprando o pacote de Wi-Fi só para esse update. E mais fotos fofas do cachorro.

Minha mãe atende no final do terceiro toque. Sou recebida pelo som de um aspirador sendo desligado, seguido por gritos incompreensíveis direcionados ao meu irmão, Aidan.

— Desculpe, a faxineira estava terminando. Sou eu. A faxineira sou eu. — Ela cobre o telefone brevemente enquanto grita outra bronca para ele. — Você já está a caminho, Amelia? Os Lewis acabaram de convidar a mim e Peter para aperitivos e uma partida de pinochle hoje à noite, e pensamos que você poderia cuidar dos gêmeos.

— Hmm, sobre isso. — Finley me olha, inclinando a cabeça para o lado ao perceber a mudança no meu tom. —

Na verdade, não vou para o Natal este ano. Estou fazendo um favor para um colega de trabalho e não posso sair da cidade.

— O quê? Não, querida — ela hesita, e nesse breve momento sinto a esperança subir pela minha garganta. Esperança que rapidamente desaparece quando ela continua: — Amelia, estamos contando com você para cuidar do Aidan e da Audrey. Temos a festa de Natal do trabalho do Peter amanhã à noite e agora o pinochle com os Lewis. Não podemos desistir de última hora.

Não é problema meu, penso em dizer. Mas de que adiantaria? Desde que teve os gêmeos, seis anos atrás, tudo o que ela vê em mim é uma babá automática. Eles foram o recomeço dela. Um menino e uma menina de primeira, criando a família perfeita que ela nunca teve com meu pai. E quando ela percebeu que eu não me encaixava nessa nova visão, me tornei a filha de meio-período. Só sou conveniente quando ela e meu padrasto precisam de uma noite sem os meus irmãos menores.

Piscar para afastar lágrimas é constrangedor, especialmente depois de tanto tempo. Eu sabia que essa seria a reação dela, mesmo que uma pequena parte infantil de mim esperasse que ela pelo menos mentisse e dissesse que sentiria minha falta. Que a família não estaria completa sem mim.

Mas esse é o problema, não é? Sempre estive completa com apenas os quatro deles. Sou uma roda sobressalente. Um membro fantasma que ela reconhece mais por memória do que por necessidade.

— Desculpe, mãe, não posso. Já prometi ao meu colega de trabalho. — Engulo o nó na garganta. Uma lágrima escapa pela minha bochecha, que limpo rapidamente. — Tenho certeza de que vocês ainda terão um ótimo Natal sem mim.

— Amelia, o que está acontecendo? Você sempre vem para Aurora no Natal.

Ela não chama de “casa”, o que já diz muito. Nós nos mudamos para lá quando ela se casou com Peter, me forçando a terminar o último ano do ensino médio com um monte de estranhos.

De repente, um cansaço se espalha por mim, preenchendo todos os espaços ao redor do meu coração. Eu me desespero para que ela me ouça, para que me veja. Mesmo que seja só desta vez.

— Mãe, nós duas sabemos que a única razão pela qual você quer que eu esteja aí é para largar as crianças comigo enquanto você se diverte com Peter e seus amigos. — Ela respira fundo, se preparando para responder, mas continuo: — Estou apenas cansada e quero aproveitar o Natal pela primeira vez. Parece que sozinha é o único jeito de isso acontecer.

De repente, a porta se abre, me tirando do meu estado de tristeza. Minha mãe fala algo, mas não ouço.

Levi está na soleira, parecendo um *yeti* com a neve cobrindo-o da cabeça aos pés. Suas bochechas estão vermelhas, as mãos na mesma tonalidade. Ele entra e deixa o frio lá fora antes de largar sua mala na mesa ao lado da minha.

— Desculpe, mãe. Tenho que desligar — digo, sem me preocupar em interrompê-la no meio da frase. Ela não estava dizendo nada que eu precisasse ouvir. — Feliz Natal. — Encerro a ligação e deixo o telefone cair no meu colo. — Levi, o que...

— Mudança de planos — ele diz, tirando pequenos flocos de neve dos ombros largos. — As estradas estão intransitáveis por causa da tempestade.

— O quê?

— A entrada da garagem está tão ruim que nem sei como você conseguiu descer sem bater, para ser honesto. Não vamos conseguir sair até que os limpadores passem por aqui. — Ele tira o gorro, alisando o cabelo escuro que ficou bagunçado. Devo estar com uma expressão de

choque, confusão ou algo completamente idiota, porque ele sente a necessidade de acrescentar: — Estamos presos pela neve, Amelia.

— Ah... — é tudo o que consigo responder. Isso e engolir em seco audivelmente.

CAPÍTULO 3



Meu telefone vibra, me dando uma desculpa para desviar o olhar de Levi.

Paige: Consegui o Wi-Fi. Como foi com sua mãe?

Meu coração está batendo forte no peito, mil pensamentos passando pela minha mente, que eu espero não estarem estampados no meu rosto. Como o fato de estar presa nesta cabana com um cara que passei meses evitando a todo custo, porque não confio em mim mesma para me comportar na presença dele.

Nossos olhares se cruzam do outro lado da sala. Ele sorri e dá de ombros.

— Tenho certeza de que vai clarear logo.

— Mhm. — Olho novamente para o telefone e digito uma mensagem rápida que bem poderia ser um pedido de socorro.

Eu: Mudança de planos. Estamos presos pela neve.

Paige: Você e o cachorro?

Eu: Levi e eu. Juntos.

Eu: E o cachorro.

Em vez de palavras, recebo uma tonelada de emojis de berinjela.

— Vou pegar mais lenha para garantir que a lareira continue acesa. — Ele pega um par de luvas penduradas perto da porta. — Com uma nevasca dessas, não seria surpresa se ficarmos sem energia, mas isso aqui vai nos manter bem aquecidos.

Engulo em seco. *Presos pela neve. Sem energia. Com Levi.*

Eu preciso arranjar algo para fazer, imediatamente, antes que minha mente divague ainda mais.

— Como posso ajudar?

— Você pode colocar uma das caçarolas no forno? — Ele esfrega a barriga e dá de ombros. — Ou duas?

Com o tamanho dele, ele provavelmente poderia comer tudo que está na geladeira, mas não digo isso.

— Entendido; duas caçarolas a caminho. — Levanto do sofá, com Finley me seguindo de perto.

— E um frango assado?

Balanço o dedo para ele.

— Estou te avisando, não largue seu emprego diário.

— Porque você sentiria muito a minha falta?

Quando olho para ele, há um sorriso irônico que o torna irresistível. Não sei o que me faz dizer isso. O que me faz pensar que posso ser tão ousada. Mas as próximas palavras que saem da minha boca nos chocam a ambos:

— Levi Abner, você está flertando comigo?

Ele se recupera rapidamente, ajustando sua expressão para uma neutralidade controlada.

— Depende. — A porta da frente se abre, uma rajada

de vento e neve entrando. — Você quer que eu esteja?

Antes que eu possa responder, ou mesmo recuperar minhas funções cerebrais, ele sai para a tempestade, me deixando sozinha para refletir sobre minha resposta.



Quando ele volta, com os braços cheios de lenha para a lareira, já coloquei no forno o recheio e algo que parece ser uma caçarola de vagem. Também decidi que evitá-lo é a melhor abordagem, então desliguei meu telefone para não fofocar com Paige.

E estou levando a brincadeira de Levi para o túmulo.

A alternativa é assustadora demais. Porque... e se ele não gostar de mim? E se ele for um paquerador de primeira linha que gosta de fazer as mulheres pensarem que ele está interessado, quando, na verdade, ele está muito fora do alcance delas?

Eu tenho autoconsciência o bastante para saber que sou atraente, ao menos de forma suficiente. Tenho 1,62m, com um pouco mais de peso nos quadris e coxas, mas nenhum homem jamais reclamou. Meu cabelo loiro-escuro é longo, com uma franja que está sempre caindo nos olhos, e tenho olhos cor de avelã que podem parecer verdes em um bom dia. Sou funcionalmente bonita. Minha aparência cumpre o papel. Mas Levi...

Levi é deslumbrante.

Se o tamanho dele por si só não fosse suficiente para comandar uma sala, ele ainda tem aquele combo de cabelo escuro e olhos azuis que faz as mulheres suspirarem. Sorrisos vêm fácil para ele, e, se aprendi algo hoje, é que ele é engraçado. De um jeito bobo e charmoso. Isso, combinado com sua aparência e sua inteligência quando se trata de análises no trabalho, me faz sentir incrivelmente inadequada.

Afinal, o homem jogou futebol americano universitário por quatro anos enquanto conseguia se formar com honras. Sei disso porque colocaram tudo isso em uma lista de destaques no boletim de boas-vindas do trabalho. Minha lista incluía o fato de que visitei alguns países, fiz algumas trilhas famosas e gosto de ler um bom livro depois de um longo dia criando campanhas de marketing digital. Comparada às conquistas dele, eu mal pareço alguém digna de seu flerte.

Ele só está sendo gentil, lembro a mim mesma. Porque é isso que pessoas como ele fazem. Eles te encantam. Convencer-me de qualquer outra coisa é pedir para me decepcionar.

O temporizador do forno apita, me chamando do quarto de hóspedes, onde deixei minha mala. Levi termina de empilhar a lenha perto da lareira e faz um carinho em Finley, que observa atentamente seu progresso.

— Está cheirando bem. — Ele se levanta, esticando as costas. Uma cacofonia de estalos na coluna sinaliza seu alívio. — Meus cumprimentos à chef.

Dou uma risada enquanto tiro um prato quente do forno e depois o outro.

— Você que fez. Eu só esquentei.

— Ah, detalhes. — Ele lava as mãos na pia da cozinha e as seca com uma toalha próxima. — Na verdade — ele liga a torneira e deixa uma fina corrente de água cair —, é melhor deixar assim para evitar que os canos congelem.

Ele desaparece no banheiro, de onde ouço outro fio de água começar a correr.

— Boa ideia — comento quando ele volta. — Aposto que você começa a feder se passar muito tempo sem banho.

— Para dizer a verdade, isso não acontece. — Ele estufa o peito. — Até a minha merda tem cheiro de rosas.

— Não vale usar spray de banheiro — digo, apontando com a colher que acabei de pegar ao lado do forno.

Ele finge escrever na palma da mão com uma caneta imaginária:

— Lembrete: não tem medo de fazer piadas de banheiro.

— Isso vai para a coluna de prós e contras? — pergunto, com a sobrancelha arqueada.

Seu punho se fecha em torno da caneta invisível.

— Você adoraria saber, não é?

Reviro os olhos, e isso arranca dele uma gargalhada que faço de tudo para não levar para o lado pessoal.

Chegando perto de mim, ele abre o armário à minha direita e pega dois pratos. Aceito o que ele me oferece e o sirvo com uma colherada de cada prato fumegante. Sua presença é tão física que cria um vazio ao redor dele. Mesmo que eu não pudesse vê-lo, eu o sentiria. O calor irradia do corpo do homem, e eu tenho que lutar contra o impulso muito real de me encostar em seu peito para me aquecer.

Em vez disso, dou um passo para o lado, abro a geladeira e pego uma garrafa de vinho da nossa reserva. Antecipando minhas necessidades, ele vasculha uma gaveta perto da pia e pega um saca-rolhas, que me entrega.

— Quer uma taça?

— Depende — ele diz, ecoando um comentário anterior de forma que alastra espasmos por todas as minhas terminações nervosas. — Só bebo vinho doce e barato. Se você gastou mais de doze dólares nessa garrafa, não quero.

— Você é cheio de surpresas, Levi Abner. — Viro a garrafa para ler o rótulo. — O que temos aqui é um *Sutter Home Sauvignon Blanc* vintage. Pode não ser chique, mas vai te deixar bêbado rapidinho.

Ele inclina a cabeça para trás e coloca uma mão sobre o coração.

— Amelia, acho que acabei de me apaixonar por você.

Tiro a rolha e dou um gole direto da garrafa. É a única maneira de não deixar comentários como esse encontrarem um caminho para o meu coração frágil e carente, onde poderiam infeccionar como uma ferida aberta. Este homem não faz bem para minha saúde.

Depois de servir uma taça para cada um, levamos o vinho e os pratos até a mesa de jantar. Nesta época do ano, a noite chega cedo, e a vista pela janela atrás do sofá é de pura escuridão, interrompida apenas por breves reflexos do luar na neve quando as nuvens se movem.

Coloco meu prato na cadeira oposta à dele e volto à pia, abrindo o armário para pegar uma porção de comida para Finley. A tigela dele fica em um tapete em formato de osso ao lado da mesa. Antes que o primeiro pedaço de ração caia na tigela, ele já está correndo de onde estava deitado no tapete da cozinha, tentando chegar antes de mim.

Levi se vira, notando a dancinha feliz do cachorro com um sorriso.

— Você não precisava fazer isso. Eu ia dar o jantar dele!

Faço um gesto com a mão e me sento.

— Ei, você me contratou para cuidar do cachorro, então vou cuidar.

Cada um de nós dá uma garfada na comida. Tento disfarçar o choque com o quanto está bom, enquanto ele me observa com uma expressão pensativa. Parece injusto que um homem tão bonito quanto ele também seja tão bom na cozinha. Mas minhas papilas gustativas não mentem.

— Por que você está disponível, se não se importa em responder?

Quase cuspo o gole de vinho. Quando consigo engolir, um sorriso divertido aparece nos lábios dele.

— Para cuidar do cachorro — ele esclarece. — Mas fique à vontade para elaborar sobre estar solteira, se foi nisso que você pensou.

Meu olhar encontra o dele e se fixa ali. Uma guerra silenciosa acontece nos meus pensamentos. *O que é pior, eu me pergunto. Explicar o campo minado que é minha família ou admitir que achei que ele estava perguntando sobre meu status de relacionamento?*

— Presumindo que você esteja, de fato, solteira?

Há um tom de esperança na voz dele? Olho para minha taça de vinho pela metade e decido que não, estou apenas exagerando nas interpretações.

— A razão de eu estar disponível para cuidar de pets é porque minha família mora ao sul de Chicago.

Percebo o leve movimento dos lábios dele antes que ele disfarce com um gole de sua taça.

— Isso é uma viagem de só duas horas. Poxa, eu ia dirigir para um lugar mais longe do que isso — ele diz.

Para o lugar de onde vem esse sotaque? Ou para outro? Percebo o quão pouco sei sobre ele, e vice-versa. Apesar de um milhão de alarmes dispararem na minha cabeça, percebo que quero saber mais. E para saber mais, tenho que dar mais.

Engulo a comida que estava mastigando e solto um suspiro audível.

— Minha situação familiar não é exatamente ideal. — Finley termina o jantar e trota até a base da minha cadeira, olhando para mim com expectativa. Sorrio de volta. — Um fim de semana com um cachorro fofo parecia muito melhor do que o que me esperava lá.

— Você não precisa falar sobre isso se não quiser. Mas se quiser — ele inclina a cabeça, a voz carregada de sinceridade —... estou aqui para ouvir.

Tento recuperar minha determinação de momentos atrás, mas todas as razões que dei a mim mesma para manter distância desaparecem sob o olhar dele.

— É tragicamente clichê, na verdade. — Passo os dedos pela franja, estudando meu prato em vez dele. — Meu pai nos deixou pela secretária dele quando eu tinha,

sei lá, quinze anos, acho? Minha mãe ficou devastada e continuou nesse estado até que meu padrasto apareceu um ano depois e a conquistou. Eles se casaram no meu último ano do ensino médio e, três anos depois, tiveram gêmeos. Aiden e Audrey.

— Gostam de nomes com A, hein?

Concordo com um aceno de cabeça.

— Minha mãe se chama Andrea.

— Claro que se chama. — Ele sorri de lado e me dá uma piscadela conspiratória. — Todos são ótimos, mas gosto mais de Amelia.

Um sorriso genuíno se espalha pelo meu rosto, aliviando o peso dessa conversa no meu coração.

— Obrigada. Isso significa muito.

— Então, seus irmãos têm quantos anos agora?

— Seis.

— E vocês são próximos? — Ele pontua a pergunta com mais uma garfada de comida.

— Tanto quanto é possível com vinte anos de diferença. — Separando uma vagem, começo a girá-la com o garfo. — O problema é que minha mãe meio que começou de novo com sua família perfeita, e eu simplesmente fiquei em segundo plano. Toda vez que vou para casa, sou imediatamente designada para cuidar das crianças para que minha mãe e Peter possam sair com os amigos deles.

Ele apoia os cotovelos na mesa e entrelaça as mãos, criando um apoio para o queixo.

— Até no Natal?

— *Principalmente* no Natal. — O próximo gole de vinho vai direto para minhas veias, me deixando confiante. Ou vulnerável. Provavelmente os dois. — Sabe o que dói mais? No instante em que os bebês nasceram, parei de ganhar presentes de Natal. Não me entenda mal, eles ainda embrulhavam coisas com meu nome, mas eram macacões para os bebês com frases como 'Amo minha irmã mais velha' ou pulseiras com os nomes deles gravados. Tudo gira

em torno da existência dos gêmeos. É como se eles tivessem chegado ao mundo e minha mãe tivesse esquecido que eu existia.

Uma lágrima escapa do canto do meu olho. Mais rápido do que seria possível para alguém do tamanho dele, Levi se levanta da cadeira, cruza o espaço até mim e se agacha para ficarmos no mesmo nível. Com um polegar calejado, ele enxuga a lágrima, levando embora a vergonha que estava crescendo junto com ela.

— Desculpe. — Olho para minhas mãos onde descansam no meu colo, estudando a pintinha que tenho no meu dedo. — Eu sei que isso provavelmente soa tão ridículo quando existem problemas muito mais importantes no mundo.

— Amelia?

— Hmm?

— Olhe para mim.

Quando nossos olhares se encontram, meu coração partido e sangrando aperta dolorosamente no peito.

A mão dele envolve as minhas. O mesmo polegar, ainda úmido da minha lágrima, traça círculos suaves sobre meus dedos.

— Pode haver um milhão de outros problemas no mundo, e nenhum deles torna os seus menos importantes.

— Ele aperta minhas mãos. — As pessoas que mais deveriam te amar fizeram você se sentir como alguém no escanteio. Isso não é pouca coisa.

Apesar de tudo, dou um sorriso. Só ele poderia tornar uma frase dessas tão encantadora.

— Obrigada — sussurro.

— Sempre, Espoleta. — Ele se levanta, bloqueando a luz do teto no processo. — Deus, estou muito velho para ficar agachado por tanto tempo.

— Você tem o quê, trinta anos?

— Vinte e nove, por favor. — Ele volta para sua cadeira como se a troca emocional fosse uma conversa

normal, tão fácil quanto respirar, e acho que uma parte de mim o ama por isso. — O futebol me envelheceu uns vinte anos. O corpo não foi feito para aguentar pancadas assim. Muito menos repetidamente.

Dou um murmúrio de entendimento, embora meu conhecimento sobre futebol universitário não vá muito além das festas que frequentava na época da Universidade de Illinois.

— Mas você gostava?

O sorriso dele me lembra um esquilo com as bochechas cheias de comida. Ele engole, mas eu já guardei o momento no bolso para quando precisar rir.

— Eu amava. Cada segundo.

— Sente falta?

Ele balança a cabeça.

— Para tudo há um tempo. Estou feliz com minha vida agora, assim como era feliz com minha vida naquela época. As melhores partes ainda estão comigo.

— Como o quê?

— Meus melhores amigos. Os caras com quem joguei. — Ele raspa o último pedaço do prato e se levanta, acenando com a cabeça em direção à minha taça agora vazia. — Quer mais vinho?

— Sim, por favor.

Ele coloca o prato na pia e volta com a garrafa, completando minha taça e depois a dele. Desta vez, ao se sentar, escolhe a cadeira ao meu lado.

— Então, Amelia, quando foi a última vez que você realmente aproveitou o Natal?

A pergunta me pega de surpresa. Tenho que buscar lá no fundo para encontrar a lembrança, e quando encontro, é como um artefato precioso enterrado nas areias do Egito. Eu a desenterro com cuidado, temendo perder os detalhes delicados se não manuseá-la com atenção.

— Acho que foi o último antes de o meu pai ir embora.

— E o que o tornou tão especial? — Ele faz uma careta para algum comentário interno. — Além do óbvio.

— Está tudo bem. Eu entendi o que quis dizer. — Dou um tapinha na mão dele.

Para minha surpresa, ele vira a mão para ficarmos palma com palma, abrindo-se para mim. Traço as linhas da palma dele com delicadeza, notando os relevos e sulcos. As cicatrizes e memórias.

— Acho que foram as pequenas coisas. Assar biscoitos com minha mãe. Andar de trenó no quintal com meu pai.

A mão dele captura a minha em sua exploração. Aperta firme.

— Sempre fazíamos algo chamado pijamas dos elfos, em que os ‘elfos’ nos traziam pijamas na véspera de Natal para usarmos antes do Papai Noel chegar. Então acordávamos na manhã de Natal vestidos com nossos melhores pijamas com estampa xadrez, cortesia dos elfos e da Old Navy, e isso tornava tudo ainda mais mágico.

A expressão dele se ilumina, como se pudesse sentir a magia também. Como se eu a tivesse presenteado a ele junto com a memória.

— Amelia, isso é...

Mas antes que ele termine a frase, um estalo distante ecoa, e a sala fica às escuras, salvo pelo fogo crepitando na lareira.

CAPÍTULO

4



— Certo, lembra daquela coisa que eu disse sobre a energia acabar?

À luz do fogo, consigo apenas distinguir sua silhueta. Ele tira as botas no capacho e pendura as luvas no gancho para secar.

— Imagino que não tenha sido só um disjuntor que caiu, então?

Mesmo do meu lugar, aconchegada com Finley no sofá, consigo ver seus dentes brilharem em algo que parece uma careta.

— Sem chance. Não só nossos carros estão enterrados sob pelo menos um metro de neve, mas visitei alguns vizinhos, e parece que a luz acabou em toda a rua. — Ele vai até a cozinha. Ouço o som de armários batendo, seguido pelo barulho de vidro se chocando. — Nunca vi uma tempestade piorar tão rápido. — Quando ele se levanta, está segurando duas velas da Bath and Body Works.

— Cheiro de Folhas ou Brinde de Champanhe?

Ele estreita os olhos para estudá-las na luz fraca.

— Mogno e teca.

— As duas?

— As duas. — Ele mexe em mais algumas gavetas. Quando finalmente se junta a mim e Finley perto da lareira,

está com as velas apoiadas em um braço e um isqueiro na outra mão. — Agora, em vez de fazer xixi no escuro, você pode fazer xixi com uma iluminação intimista e o cheiro de um homem sexy por perto.

— Fetiche estranho, mas okay.

— Nunca fui muito fã de chuvas douradas, na verdade. — Ele acende uma vela e a leva ao banheiro, depois retorna. — Mas quem sou eu para criticar suas preferências?

— Chuvas douradas definitivamente não são minhas preferências.

Ele acende a outra vela, mas a deixa na mesa de centro, e então se senta na outra ponta do sofá. Quando o perfume chega até mim, percebo por que a casa cheira tão bem. Como madeira queimada e colônia com especiarias.

— Então, quais são?

Meu olhar se volta para ele. Tinha me perdido observando as chamas.

— Hmm?

— Suas preferências. — Ele estica as pernas. São tão longas que seus pés quase tocam meu colo. Apenas o pequeno corpo enrolado de Finley atua como uma barreira entre nós. — O que anima Amelia?

Se eu não tivesse duas taças de vinho na cabeça, essa pergunta poderia realmente me derrubar. Em vez disso, encorajada pela escuridão, pego Finley e estico as pernas ao lado das de Levi, acomodando o cachorro no meu colo.

Ele ainda está de jeans, e eu estou de legging, mas onde nossas pernas se tocam, juro que há fogo.

— O que exatamente você está querendo saber?

— Bem, antes de pedir qualquer coisa, preciso de um pouco de esclarecimento.

Inclino a cabeça, intrigada. A escuridão transformou os olhos dele na superfície refletora do oceano à meia-noite. Chamas crepitam ali, um reflexo da lareira atrás de

mim.

— Você está solteira?

O sorriso que toma conta do meu rosto é meio bobo por causa do vinho e totalmente involuntário.

— Sim, estou.

— E, mais importante, está interessada? — Ele espalha a mão sobre o peito. — Em mim, especificamente.

Minha respiração acelera. Meu pulso segue o mesmo ritmo. Pela primeira vez desde a faculdade, um frio se alastra na minha barriga. Ele me observa atentamente, mas seu tom não carrega nenhuma expectativa. Tenho a sensação de que, se eu o rejeitasse agora, ele deixaria o assunto de lado para sempre.

Mas, é claro, eu não o faço.

— Sim, estou interessada. — Dou um leve empurrão na coxa dele com meu pé. — Em você, especificamente.

Com isso, ele pousa a mão na minha canela, desenhando formas invisíveis com um toque delicado. Seus dedos, mesmo através do tecido da minha leggings, enviam um formigamento delicioso que percorre minha perna e se instala no ponto mais alto das minhas coxas.

— Nesse caso, comece do começo. Quero saber tudo.

— Tudo? — Eu engasgo com uma risada. Com a forma como ele me olha, fica difícil fazer coisas como respirar. Ou falar. — Hmm, okay. O começo. Acho que a primeira coisa que descobri que me atraía foram mãos.

— Mãos? — Ele solta a minha perna e agita as mãos diante do rosto. — Sorte sua, porque tenho duas.

— Eu não tinha notado — zombo, dando uma joelhada em sua canela. — Estou falando sério. Eu devia ter uns treze anos, e fiquei encarando as mãos de Cody Green enquanto ele apontava cada erro que cometi no nosso projeto de artes, e tudo o que eu pensava era: *eu poderia cometer mais um milhão de erros se eu puder continuar olhando para estas mãos*.

Em vez de rir como Paige fez quando contei essa

história, Levi ostenta um sorriso cínico e volta a traçar desenhos na minha pele.

— Entendi. Para mim, é observar as garotas amarrando o cabelo num rabo-de-cavalo.

Arqueio uma sobrancelha.

— Sêrio?

Ele assente.

— Kelsey Banks fez isso na sala de aula na sexta série, e eu fiquei de pau duro a aula toda.

Mordo o lábio inferior, mas não consigo reprimir a risada.

— Ei, foi uma história traumática que compartilhei com você. Eu não tinha a menor noção do que fazer com aquilo na cueca!

— E o que você fez?

— Usei um livro para esconder a coisa até conseguir chegar no banheiro e resolver o assunto.

— Ai, meu Deus... na escola? — Gargalhadas escapam de mim, e isso irrita tanto Finley que ele pula do meu colo e volta para sua caminha perto da lareira. Pressiono as mãos contra os olhos, ainda tremendo e soluçando de rir. — Quantos garotos tiveram que se masturbar nos banheiros entre as aulas?

— Um monte, Amelia. — Ele morde os lábios para conter o riso, balançando a cabeça de um jeito zombeteiro.

— Naquela época, era o Oeste Selvagem das Punhetas.

Eu me dobro de tanto rir. Levi aproveita a deixa e levanta as minhas pernas, correndo até a cozinha para pegar mais uma garrafa de vinho e nossas taças. Quando ele volta, eu já me acalmei um pouco, mas não consigo olhar nos olhos dele sem cair no riso, então me concentro em encarar a taça em mãos.

— Obrigada. — O vinho refresca minha garganta, mas aquece meu estômago. — Eu precisava de um drinque depois dessa revelação.

Ele se acomoda de volta em seu lugar, desta vez

puxando meus pés para o colo. Uma mão segura sua taça de vinho; a outra faz mágica nos meus calcanhares doloridos. De repente, desejo ter uma câmera para capturar este momento. A perfeição dele. Um sonho que a minha versão da semana passada jamais acreditaria ser possível.

— Então, mãos. — Ele toma um gole. — O que mais?

— Não sei. — Aperto o pulso dele com meus dedos dos pés. — Vídeos de massagem sempre tiveram um efeito sobre mim.

— Vou guardar essa informação para uso futuro. — Seus lábios formam um sorriso tentador. A sombra da barba por fazer está mais evidente em seu rosto anguloso. Meus dedos coçam para tocá-lo, para traçar as linhas de sua mandíbula, suas maçãs do rosto, seu nariz.

Não reconheço essa versão de mim mesma. Claro, eu o desejei desde o primeiro dia em que o vi, mas hoje expressei mais vontades e desejos sinceros do que nos últimos seis anos somados. Tanto para ele quanto para minha mãe. Orgulho enche meu peito.

Não, talvez eu não reconheça essa garota, mas gosto dela. A que é honesta consigo mesma e com os outros. E quero mantê-la por perto, mesmo depois que a neve se dissipar.

— Aonde você foi agora? — Sua voz é suave, mas as palavras... tocam uma corda em algum lugar profundo do meu coração.

— Não estou acostumada a ser lida com tanta facilidade. — Balanço a cabeça. — É um pouco desconcertante.

— O que posso dizer? Adoro um bom livro.

O vento assobia do lado de fora da janela, me lembrando da tempestade que ainda ruge no exterior do chalé. É fácil esquecer, nesta pequena bola de neve em que nos encontramos, que existe um mundo inteiro lá. Em algum lugar, minha mãe está colocando os gêmeos para

dormir. Paige está em alto-mar, talvez com um novo anel já em seu dedo.

E eu estou aqui, apesar de nunca ter planejado estar. É louco como a vida funciona.

— Eu estava apenas pensando no dia de hoje. Falei por mim mesma com minha mãe mais cedo. Antes de você voltar. Não costumo ser tão ousada. — O fio solto que eu estava puxando do meu suéter finalmente se solta. Eu o solto e ergo o olhar para encontrar o dele.

Ele segura meu olhar como se fosse algo sagrado. Como se ser olhado por mim fosse um privilégio.

— Você sempre me pareceu ousada. — O músculo em sua mandíbula tensiona. — Mas hoje à noite, em *itálico*.

— Como é?

— Tudo em você é enfatizado.

Minha língua passa pelos meus lábios para umedecê-los. O olhar dele nunca vacila, mas sua mão pressiona levemente o arco sensível do meu pé.

— Acho que você desperta isso em mim. De alguma forma. Você me faz querer ser honesta, não só com você, mas comigo mesma também.

Ele pigarreja de leve.

— Esse pode ser o maior elogio que já recebi.

Coloco minha taça de vinho contra o coração.

— Feliz em poder ajudar.

— Vou precisar encontrar um jeito de retribuir. — Seu sorriso me diz que ele está falando sério.

O sono pesa em meus olhos, mas não quero que o momento acabe. Tenho medo de que, se ceder, amanhã de manhã essa pequena magia que encontramos desapareça. As estradas serão liberadas, e ele continuará com seus planos originais.

Onde isso me deixará? Sozinha no Natal. Exatamente como eu queria. Só que, sentada aqui com Levi, acho que não quero mais isso.

Sua testa franze levemente, sempre atento.

— Você parece cansada. Devemos encerrar a noite?

Estou afundando no sofá, piscando cada vez mais devagar.

— Estou quentinha aqui. Se eu levantar e for para o quarto de hóspedes, vai estar frio.

Ele sorri suavemente. Soltando meus pés, ele paira sobre mim e me deixa sozinha no sofá. Eu solto um choramigo como uma criança mimada, mas estou cansada e meio tonta demais para me envergonhar.

— Não se preocupe. Não vou te deixar. — Há um cobertor dobrado sobre a poltrona reclinável, que ele pega depois de adicionar um novo tronco ao fogo. Quando volta para o sofá, ele deixa o cobertor no chão. — Chega pra lá.

Eu o encaro com uma pergunta no olhar. Em vez de explicar, ele simplesmente me pega nos braços e nos deita juntos no sofá, sua cabeça no braço do sofá e a minha apoiada em seu bíceps. Estamos peito a peito. Ou, com a altura dele, meu peito na altura da sua caixa torácica. Ele desdobra a manta e nos cobre.

— Quentinha o suficiente? — Sua respiração agita os fios de cabelo no topo da minha cabeça. Tão próximo, sua voz é um trovão, me envolvendo como uma tempestade no final do verão. Respiro fundo o cheiro dele. A colônia com especiarias e hortelã-pimenta já estão mais sutis, mas ainda presentes.

— Mais quentinha que nunca — murmuro.

— Bons sonhos, Espoleta. — Não preciso ver para saber que ele está sorrindo. Consigo ouvir isso em sua voz.

Adormeço ao som do fogo e dos ronquinhos suaves de Finley, coberta de calor. Até meus sonhos têm um leve cheiro de Levi.

CAPÍTULO

5



Piscar contra a luz forte da manhã me faz perceber que não estou mais aconchegada com o homem-urso dos meus sonhos. Em vez disso, Finley sente que estou me mexendo e pula de pé, ansioso para me cobrir de lambidas antes mesmo de eu tomar um gole de café.

O cheiro de café se infiltra em meu nariz. Estico o pescoço, esperando ver que a energia voltou e uma cafeteira está funcionando, mas, em vez disso, encontro Levi recém-saído do banho, vestindo uma camisa xadrez de flanela e jeans, ajoelhado em frente à lareira. Ele colocou algum tipo de grelha sobre os troncos, e sobre ela repousa uma cafeteira de camping que reconheço dos grupos de trilha que sigo no Facebook.

Apoiada no cotovelo, limpo os resquícios de sono dos olhos.

— Estou tão feliz de ver essa cafeteira que poderia te beijar agora.

Ele olha por cima do ombro e sorri.

— Não me ameace com uma boa ideia.

Balanço a cabeça para ele, mas meu estômago dá um salto mortal.

— A luz ainda não voltou, mas eu fervei água suficiente para você tomar um banho rápido, se quiser. Eu estava prestes a te acordar para que não esfriasse. — Ele

passa os dedos pelo cabelo úmido, da cor de carvão. — Como alguém que tomou um banho gelado esta manhã, asseguro que não recomendo.

— Obrigada. — Meu coração derrete um pouco mais toda vez que esse homem abre a boca, juro. — Posso ajudar em alguma coisa antes de ir?

— Não. O café deve estar pronto quando você terminar. Você vai precisar de energia; tenho um dia cheio de diversão planejado para nós.

— O que você quer dizer? Está nevando muito lá fora. — Sento-me e aponto para a janela, uma grande parede branca, só para enfatizar.

— Nunca me impediu antes.

— Exceto ontem.

— Certo, verificadora de fatos. — Ele me silencia com um olhar sério. — Lembra que ontem à noite eu disse que encontraria um jeito de te retribuir?

Uma risada nervosa escapa.

— Achei que você estava brincando. Você não precisa me retribuir por um simples elogio, Levi.

— Eu não preciso, mas quero. — Há um brilho nos olhos dele. Uma animação em sua voz. — Vou te devolver suas melhores lembranças de Natal.

— Minhas o quê?

— Sabe, as lembranças que você tem do seu Natal favorito. — Ele se aproxima e se ajoelha, ficando na altura dos meus olhos. Um calor me inunda quando suas mãos pousam sobre minhas coxas e seguram firme. — Os biscoitos, o trenó, tudo isso.

Balanço a cabeça, me perguntando se ainda estou um pouco delirante de sono.

— Não entendi.

— Amelia, parte meu coração que sua família tenha transformado esse feriado em algo que você teme em vez de algo para ansiar. E não sou orgulhoso o suficiente para achar que posso consertar isso ou resolver tudo, mas, por

sorte, vou passar este Natal com você. Então vou fazer dele um bom Natal. Certo?

Não quero chorar na frente dele de novo, mas sinto as lágrimas pressionando no fundo dos olhos. Não ajuda o fato de ele estar tão perto que consigo ver cada ponto de luz em seus olhos azuis, cada fio de cabelo nas têmporas começando a ganhar um toque de prata. De longe, Levi é devastadoramente bonito.

De perto, tudo nele brilha.

— Por quê? — Engulo o nó na garganta e tento de novo: — Por que você está fazendo isso por mim?

— Porque todos merecem aquele tipo de sensação mágica de Natal. — Ele se inclina para frente e beija minha testa, uma sensação que vou guardar para sempre. — Mas especialmente você, Espoleta. — Em um rápido contraste, ele bate de leve nas laterais das minhas coxas, um gesto que deveria ser brincalhão, mas que me deixa pulsando. — Agora vá antes que eu te deite neste sofá e te mostre o quanto acho bonito o seu cabelo bagunçado.

Tentador, se eu não estivesse muito ciente do meu hábito matinal.

Ele volta para a lareira, sua mandíbula se contraindo sob a fina camada de barba por fazer. O chão está frio contra meus pés enquanto caminho até o quarto de hóspedes e pego uma muda de roupas da minha bolsa. Graças ao meu medo de esquecer roupas íntimas, só trouxe minhas melhores peças.

Levi não levanta os olhos quando passo por ele a caminho do banheiro. Só quando minha mão agarra a maçaneta ele diz:

— Ah, Amelia?

Olho por cima do ombro.

— Sim?

Seu olhar vai dos meus pés aos meus quadris e ao meu peito. Quando finalmente termina o percurso e nossos olhares se encontram, há um peso em sua expressão que

rouba meu fôlego.

— Se precisar de mais água quente, é só falar.



Não é o banho de espuma dos meus sonhos, mas me pego tentada a mergulhar a mão entre as pernas. Meus pensamentos permanecem focados no homem logo do outro lado da porta. Ele encheu a banheira o suficiente para submergir a maior parte do meu corpo, mas o frio, combinado com a memória do olhar intenso dele, deixa meus mamilos rígidos e a pele dos meus joelhos expostos arrepiada. Mordo meu lábio inferior para me distrair das sensações tentadoras ou para evitar aceitar a oferta dele.

Porque, foi uma *oferta*, não é mesmo?

Engulo em seco, encarando a porta como tenho feito desde que entrei para tomar um banho rápido. Se eu não sair daqui logo, eu *vou* precisar daquele balde extra de água – ou dele – para me aquecer.

O latejar em resposta do meu clitóris toma a decisão por mim.

— Hmm, Levi? — *Patética*. Se eu for violar a principal regra sobre relacionamento com um colega de trabalho ao dar esse passo, é melhor ser mais confiante. — Levi, pode entrar aqui?

Ouçó passos, seguido pelo som de sua mão girando a maçaneta. Meu coração quase salta pela garganta.

Porém, como nada acontece por um bom tempo, acabo pensando que foi fruto da minha imaginação.

— Levi?

Ouçó uma pancada, como se ele tivesse batido a testa contra a superfície de madeira da porta.

— Amelia, espero que saiba que se eu entrar aí e você não estiver vestida, vai rolar todo aquele lance da sexta série de novo. — Ele suspira audivelmente. —

Provavelmente pior.

Dou uma risadinha.

— Estou contando com isso.

Antes que as palavras tenham saído da minha boca, a maçaneta gira e a porta se abre, revelando um Levi muito corado e com tesão. Se o volume em seu jeans for de verdade mesmo.

— Puta merda. — Ele apoia uma mão na bancada e outra no batente da porta. — Você é incrível pra cacete.

Eu aponto para o meu próprio peito com um dedo molhado.

— Sou só Amelia mesmo.

— Tão engraçadinha. — Com dois passos, ele paira sobre mim para em seguida enfiar os braços na banheira e envolver meus joelhos e costas. — Você vai pagar por isso.

— Você está se molhando! — Dou um gritinho, batendo em seu peito quando ele me levanta, espalhando a água por todo o lugar. Mas é inútil. Ele está no controle total, e pela forma como se move, ele tem plena ciência disso.

Minha bunda toca no mármore frio e me arranca um grito, o som rapidamente engolido pela boca que cobre a minha.

Estou sentada na bancada entre as pias duplas do banheiro, e enquanto seus lábios selam os meus, ele agarra meus joelhos e os abre, encaixando-se para ficar rente ao meu corpo. A flanela molhada de sua camisa roça contra os meus mamilos. A pele sensível implora por mais, e eu cedo, arqueando o corpo para receber o alívio necessário. As mãos calosas e viris viajam pelo comprimento das minhas coxas, pela curva dos meus quadris. Finalmente, elas espalmam a minha bunda e apertam com tanta vontade que tenho certeza de que deixará marcas.

Perfeito. Eu quero guardar cada momento dessa fantasia molhada se tornando realidade.

A língua dele entreabre os meus lábios, explorando a

minha boca em círculos preguiçosos. Tem tanta paixão, tanta intensidade na maneira como ele está me controlando que esta suavidade acaba me surpreendendo. E, isto, acima de tudo, é o que me desfaz.

Arrasto as mãos de seus ombros e pelo peitoral, onde procuro às cegas pelo botão da camisa. Eu quero sentir sua pele contra a minha, o atrito áspero de seu peito cabeludo contra os meus seios. Eu quero tudo que ele pode me dar e muito mais.

No entanto, ele interrompe o aperto na minha bunda para prender meus pulsos e deixar as mãos firmes contra o granito. Usando os dentes para arrastar meu lábio inferior, ele recua apenas um pouco para me encarar. Suas pupilas estão dilatadas de puro desejo, o azul completamente engolfado em escuridão.

— Me conte mais uma das suas fantasias.

Eu pisco devagar.

— Você.

Um gemido gutural é a resposta que recebo.

Ele libera meus pulsos e uma mão roça o monte dos meus seios, meu pescoço, antes de agarrar um punhado do meu cabelo e puxar. O movimento me deixa exposta a ele, algo que ele aproveita para lambe toda a extensão da minha clavícula até a orelha. Seu hálito é quente contra os pontos sensíveis da pele do meu pescoço quando ele rosna:

— Não tenho como te dizer há quanto tempo eu quero isso — sussurra no meu ouvido.

A outra mão segura meu queixo, o polegar brincando com meu lábio inferior.

— Você disse que gosta de mãos, não é?

Aceno em concordância. Uma piscina se forma entre as minhas pernas. A necessidade é tão intensa e desesperadora que tenho quase certeza de que posso gozar só com o seu toque.

— Perfeito. — Ele enfia o dedo na minha boca. — Chupa gostoso, Espoleta.

Faço o que ele pede, chupando seu dedo como faria se fosse o seu pau. Eu o levo fundo na garganta, observando aqueles olhos escuros o tempo todo. Quando um segundo dedo se junta, eu gemo, e o som faz com que seus quadris se projetem para frente como um ato reflexo. O zíper áspero colide contra a minha boceta exposta, e um gemido de choque e prazer me domina.

— Você é uma garota muito boazinha. — Ele retira os dedos da minha boca e os esfrega nas minhas dobras antes de me penetrar. — Tão molhada pra mim.

Nossas bocas se devoram. À medida que ele me masturba com os dedos, o polegar se move em círculos no meu clitóris latejante. O orgasmo começa a se avolumar dentro de mim, um disparo de eletricidade que explode em desespero. Eu esfrego os quadris contra ele, ansiando pelo alívio.

E ele me dá, bem ali na bancada do banheiro.

Eu me desfaço contra ele. Meu corpo inteiro é uma coisa trêmula e necessitada. Sua mão se afasta, apenas para cruzar a outra atrás das minhas costas e me puxar para ele, tão perto quanto dois corpos podem estar com uma camisa de flanela entre eles.

— Isso precisa sair — murmuro contra os lábios dele, alcançando novamente o botão de cima.

Mas ele se afasta, me deixando ofegante e confusa.

— Depois. Eu prometo. — Ele pisca. — Por enquanto, temos cookies para assar.



— Eles não são seus biscoitos tradicionais de Natal, mas acho que é um ótimo esforço considerando nossas circunstâncias.

Termino de mastigar a mistura de açúcar e manteiga, limpando um fio de chocolate que escorreu pelo meu

queixo.

— Sinceramente, acho que gosto mais deles do que de biscoitos normais.

Ele remove outra bandeja de cookies da grelha sobre o fogo, revelando uma fornada que está crocante por fora, mas nada mais que massa quente de cookie por dentro.

— A Lacey da Contabilidade arrancaria sua cabeça. Reviro os olhos.

— Estou falando sério! Qual é a parte favorita de todo mundo ao fazer biscoitos?

Uma de suas sobrancelhas se levanta.

— Comer a massa de biscoito. Aqui você tem o melhor dos dois mundos. — Pego um da grade de resfriamento no balcão da cozinha, ignorando a tentativa adorável de coerção de Finley aos meus pés. — Cookie por fora, massa por dentro. — Dou uma mordida. — Delicioso.

Ele traz a bandeja para o balcão e transfere o restante das nossas obras-primas para a grade. Até agora, tudo o que tivemos como sustento foi café, cookies e um pouco de caçarola de milho fria que pegamos na geladeira enquanto reuníamos os ingredientes para os biscoitos. Estou um pouco enjoada e muito ansiosa sobre como interpretar nosso encontro no banheiro. Mas, ei, o que é o Natal sem um toque de ansiedade?

Entendo que ele queira me devolver todos esses momentos especiais de feriado, mas parte de mim ficaria satisfeita em me enfiar no quarto dele e explorar uma longa lista das nossas “fantasias”. Antes era apenas isso: uma fantasia. Agora que provei a coisa real, estou desejando mais.

— Certo. Próxima atividade: andar de trenó. — Ele captura meu queixo entre o polegar e o indicador. Quando se inclina para depositar um beijo nos meus lábios, preciso de toda minha força de vontade para não escalá-lo como uma árvore. — Você vai querer se agasalhar bem. Está uma nevasca lá fora.

— De novo com o humor. — Estalo a língua em desaprovação, mas, quando nossos olhos se encontram, não consigo evitar sorrir como uma louca. *O que, pelo amor de qualquer coisa, esse homem está fazendo comigo?*

Vestidos com nossos casacos mais grossos, ambos usando pares das luvas de Levi – que parecem mais mãos do Mickey Mouse em mim –, seguimos cuidadosamente pela neve fofa até a inclinação da entrada da casa dele.

Finley corre à frente, embora eu só consiga vê-lo por causa da coleira verde-limão que ele usa. Ele se mistura perfeitamente à neve.

— Você acha que vão limpar as estradas logo, agora que parou de nevar? — Minha respiração sai em um *staccato* irregular. Caminhar na neve já é difícil o suficiente. Caminhar morro acima na neve é meu pesadelo fitness.

Levi dá de ombros.

— Não sei. Como nossa rua tem pouco tráfego, geralmente somos os últimos na lista dos limpa-neves. Mas seria bom.

Por razões que não quero admitir para mim mesma, suas palavras causam um aperto no meu peito que não tem nada a ver com o esforço físico.

— Até onde você ia para visitar sua família? — Eu limpo a garganta, mas o nó ali não se desfaz. — Se limparem antes de escurecer, você ainda pode conseguir chegar a tempo para o Natal.

Estou completamente focada no caminho à frente quando o cotovelo de Levi cutuca meu ombro, me incentivando a olhar para ele. Eu olho, mas rezo para que, pela primeira vez, minhas emoções não estejam estampadas claramente no meu rosto para o mundo ver.

Porque eu entendia o lance de ter uma paixonite pelo meu colega de trabalho sexy, mas isso? Esse aperto ao pensar nele indo embora? Esse é um sentimento perigoso demais para ser nomeado.

— Eu quis dizer que seria bom porque os caminhões de utilidade pública poderiam vir ligar a eletricidade novamente. Embora, admito, o fogo adiciona uma certa ambientação a toda essa experiência. — Ele afasta minha franja dos olhos como se já tivesse feito isso mil vezes antes. — Mesmo que ligassem a energia agora, eu não te deixaria.

Não consigo - *não vou* - abordar esse dilema. Não sóbria e à luz do dia, pelo menos. Em vez disso, pergunto:

— Sua família ficou muito chateada por você não ter conseguido ir?

Seus lábios se comprimem enquanto ele assente, mas não se aprofunda no assunto. Provavelmente numa tentativa de não me fazer sentir mal pela reação menos emotiva da minha mãe ao meu cancelamento.

Chegamos ao topo da colina e jogamos nossos trenós na neve. Eles são do tipo de madeira à moda antiga, mais sofisticados que os discos de plástico da minha infância. O caminho até o fundo é ladeado por árvores cobertas de neve. Só posso torcer para não correr direto para uma delas e me fazer de idiota.

— Você andou de trenó alguma vez desde aquele Natal? — Ele pega Finley e se senta com o cachorro em seu colo. Sua bunda quase fica para fora do trenó, e seus joelhos estão dobrados até o queixo, com o pobre cachorro espremido entre eles. Mas ele sorri como se este fosse o melhor dia da vida dele.

Eu me sento no meu trenó, observando a inclinação íngreme à frente.

— Não andei. Para ser honesta, acho que agora tenho muito mais medo de me machucar do que quando era criança, e isso torna coisas assim um pouco mais assustadoras. — Suspiro, fechando os olhos contra o ar gelado e minhas próprias divagações sem sentido. — Tudo isso para dizer que tenho evitado.

De repente, uma mão quente envolve a minha, ou

pelo menos o máximo que pode com as luvas enormes. Quando abro os olhos, os de Levi não mostram julgamento. Apenas um tipo gentil de entusiasmo.

— Lembra como eu disse que neste fim de semana você está em *itálico*?

Eu rio e aceno com a cabeça, tremores nervosos percorrendo minha coluna.

Ele se aproxima um pouco e puxa minha mão para me trazer junto.

— Agora preciso que você esteja em MAIÚSCULAS.

— Não tenho certeza se essa metáfora significa o que você acha que significa. — Ele me lança um olhar sério, e eu cedo. — Mas tudo bem. Posso fazer isso.

— Ótimo. — Ele coloca os pés na neve e começa a nos empurrar para frente, andando como um caranguejo. — Porque aqui. Vamos. NÓS!

Levi coloca os pés no trenó quando passamos pelo topo da colina. O vento gelado chicoteia meu cabelo para trás e embaça minha visão. O instinto me faz inclinar para guiar, uma memória que meu corpo manteve mesmo quando minha mente deixou passar. Meu estômago despenca, e meus pulmões se apertam. Estou voando pela colina sem nenhuma preocupação no mundo.

E é tão bom. Tão bom.

O peso de Levi o leva mais longe e mais rápido, então é claro que ele é o primeiro a alcançar o barranco na base da entrada da garagem, logo à direita de onde seu carro está enterrado sob uma pilha de neve.

Ele aterrissa com um estrondo, mas consegue segurar Finley no alto, poupando o cachorro de levar uma lufada de neve no rosto – diferente de mim, que mergulho de cara nela um momento depois.

— Isso foi incrível — arquejo.

Levi se vira para mim, um sorriso largo enrugando os cantos dos olhos. Suas bochechas estão brilhando em vermelho vivo, e flocos de neve estão presos em sua barba.

Ele parece representar todas as coisas boas que eu costumava associar ao Natal, antes de a minha família transformá-lo em algo de que eu temia.

Viro o rosto para o céu invernal, azul brilhante, deixando o frio me revigorar em vez de me entorpecer. Estou espalhada de costas, como uma estrela-do-mar, e quando Levi se levanta com Finley nos braços e estende a mão para me ajudar, balanço a cabeça.

— Só mais uma coisa.

Arrasto meus membros trêmulos pela neve fofa, para cima e para baixo. Pernas afastadas e depois juntas. Leva apenas um momento para Levi perceber o que estou fazendo. Então ele coloca Finley no chão e se deita ao meu lado. Não consigo ver seus movimentos, mas ouço o arrastar de seus braços e pernas pela neve. Ele está fazendo um anjo, assim como eu.

Quando estamos satisfeitos com nosso trabalho, fazemos o possível para nos levantar do banco de neve sem estragar as obras-primas. Levi estende a mão para mim novamente, e desta vez eu a aceito. Ele me puxa para perto e envolve seu braço ao redor dos meus ombros, dando um beijo no topo da minha cabeça.

Nossos anjos são desproporcionalmente cômicos. O meu parece o de uma criança comparado ao dele. Mas, curiosamente, ao olhar para eles, lembro de fazer a mesma coisa com meu pai tantos anos atrás. Quando eu era jovem o suficiente para acreditar na magia do Natal. Como o tipo de magia que manda uma tempestade de neve quando você mais precisa dela.

— Eles estão perfeitos — sussurro. É a única maneira de esconder que minha voz está embargada. Passo a mão pelas bochechas e torço para que, do ponto de vista de Levi, pareça apenas que estou limpando flocos de neve. — Certo, qual é a próxima?

Usando sua mão no meu ombro, ele me gira para que eu fique de frente para a casa. Ele se posiciona atrás de

mim e se inclina até que seus lábios estejam roçando o topo da minha orelha.

— A próxima é pijamas de elfos.

CAPÍTULO

6



A noite chega rapidamente. Quando finalmente estamos aquecidos e tiramos todos os pedaços de neve grudados na barriga de Finley, o céu azul-claro já se transformou no tom lavanda melodramático do crepúsculo. É o complemento perfeito para o surrealismo da cena além da janela. Uma metáfora perfeita para toda essa experiência.

— Ainda não entendo como você conseguiu pijamas de elfos para mim. — Cruzo os braços sobre o peito, estreitando os olhos para Levi. Ele está sentado de pernas cruzadas em frente à árvore de Natal, segurando um presente embrulhado de forma desajeitada em mãos estendidas. Eu o pego, mas não faço nenhum movimento para abrir o pacote. — Não tenho nada para te dar em troca.

— Deixe-me te dar uma massagem mais tarde, e ficamos quites — ele diz, piscando.

Cruzo as pernas e aperto.

— Não é esse tipo de massagem de que eu estava falando.

— Ah, é? — Ele se recosta, apoiando as mãos no chão de madeira. — Me conte mais.

Nossos olhos se encontram, e eu dou a ele meu sorriso mais sedutor.

— Eu é que vou dar a massagem.

O pomo-de-adão dele sobe e desce. Quando ele fala, a voz soa tensa:

— Combinado.

Satisfeita, deslizo um dedo sob a emenda do papel de presente e rasgo. O padrão xadrez em vermelho e preto me cumprimenta. Retiro o tecido dos restos do papel de presente verde e vermelho e o ergo, finalmente percebendo que é uma camisa masculina com botões. Pelo tamanho e pelo perfume de especiarias e hortelã, só pode ser de Levi, algo que eu inspiro profundamente.

— A Old Navy estava fora de questão, então tive que ser criativo. — Ele inclina a cabeça, os olhos percorrendo meu rosto. — E, obviamente, você não precisa usar, mas imaginei que, com sua altura, seria mais um vestido para dormir de qualquer jeito.

Abraço a camisa contra meu peito, tomada por emoções conflitantes. Alegria, nostalgia e um pouco de tristeza também. Além disso, o calor que se acumula no meu estômago – e mais abaixo – com a ideia de usar suas roupas.

— Obrigada, Levi. Isso é incrível. — Pisco para conter as lágrimas. Na luz cada vez mais fraca, ele parece um sonho. Provavelmente porque ele é um. Desejei por ele, por esse sentimento, nas partes mais silenciosas do meu coração por tanto tempo quanto consigo lembrar. Alguém que ouça e realmente se importe com o que eu digo. Que me mostre que sou querida e adorada.

Adorada. É assim que me sinto. Pelo calor no olhar dele e pelo carinho com que ele se inclina para frente e segura minha mão, puxando-me para o chão com ele. Ele me senta em seu colo. A protuberância firme pressionando contra meu centro é um indicador claro de seu desejo. Rebolo meus quadris levemente, para mostrar que sinto o mesmo.

Pressiono minha palma contra sua bochecha,

deliciando-me com o toque áspero da barba por fazer e os contornos definidos de sua mandíbula.

— Por que você está fazendo isso por mim? — sussurro.

— Eu já disse, eu...

Meu dedo se move para os lábios dele, silenciando-o.

— Eu sei o que você disse. Que quer me devolver a magia do Natal. Mas você é tão apaixonado por isso. Tão dedicado. De onde isso vem? — Deixo minha mão pousar em seu ombro, mas imediatamente sinto falta do toque de seus lábios suaves. — Alguém tão incrível quanto você não acontece por acaso.

O sorriso dele é irônico, embora seus olhos estejam atentos e pensativos.

— Não posso simplesmente ser uma pessoa naturalmente apaixonada?

Belisco o músculo delicioso das suas costas.

— Ai, tá bom. — Ele finge fazer uma careta de dor. — Acho que só sei como é o Natal não ser o que deveria, e quis te dar o que as pessoas de quem mais gosto me deram.

Ecoando as palavras dele de ontem - *será que faz só 24 horas?* -, respondo:

— Você não precisa falar sobre isso se não quiser. Mas, se quiser...

— Você está aqui para ouvir? — Ele se inclina para frente e dá uma mordidinha na minha orelha, enviando um arrepio pela minha coluna.

— Exatamente.

De repente, um zumbido alto ressoa pelo cômodo; um a um, o chalé volta à vida. A árvore se ilumina, seguida pelas luzinhas no teto. O micro-ondas apita, e o forno faz um clique. Levi aperta minha cintura enquanto inclinamos as cabeças para trás, piscando contra a luz forte depois de tanto tempo à luz alaranjada do fogo.

— Bem, olha só para isso. — Levi assobia. — Um milagre de Natal.

Nossas risadas se misturam e se fundem, formando uma harmonia única para nós.

Com um beliscão nas minhas laterais, ele me incentiva a agir.

— Certo, levante-se. Hora de uma tradição de Natal nossa.

Ambos nos levantamos, e eu pego a camisa no sofá, segurando-a nas mãos.

— O que quer dizer?

Ele aponta para a camisa.

— Troque de roupa, e eu mostro.

— Você também vai vestir algo mais festivo? — Seguro a barra da Henley cinza dele e puxo.

— Só tem um jeito de descobrir. — Ele sorri. — Te vejo em um minuto.

Quando volto para a sala de estar, estou vestindo a camisa dele e nada mais. Nem mesmo as delicadas calcinhas de renda que considereei antes de descartá-las na bolsa. Se estamos sendo ousados este fim de semana, vamos ser muito ousados. Nada de me esconder quando ele claramente me deseja. Quando eu o desejo desesperadamente.

As luzinhas preenchem o espaço com uma magia aconchegante que transborda espírito natalino. Levi está inclinado sobre algo que parece um alto-falante Bluetooth, vestindo uma camisa xadrez combinando. Finley dorme tranquilo na caminha perto da lareira. Dois copos de leite estão ao lado de um prato com nossos biscoitos na mesa de centro. Tudo isso me dá a sensação distinta de acordar na manhã de Natal como criança e descobrir que o Papai Noel passou por ali.

Nesta véspera de Natal, quando Levi olha para mim enquanto canções natalinas começam a sair do alto-falante, sei com certeza que fui uma boa garota este ano. Por que mais estaria recebendo um presente tão especial?

Ele pega os copos da mesa e me passa um.

— Espero que goste de gemada.

— Gemada? — Tomo um gole e, claro... — Quando teve tempo de fazer isso?

Suas bochechas se contraem enquanto ele toma um gole.

— Você ficou lá dentro muito mais tempo do que percebeu.

Um rubor sobe pelo meu pescoço.

— Desculpe, eu tinha decisões importantes a tomar.

— Tipo o quê?

— Se eu queria ou não usar roupa íntima.

Uma expressão de aflição passa pelo rosto dele.

— Porra, Amelia.

Eu me embriago com a sensação de poder que isso me dá, ao ver o quanto ele é profundamente afetado por essa notícia. Minha coluna se endireita assim que coloco meu copo de lado e dou um passo em direção a ele.

— A resposta foi não, caso você estivesse se perguntando.

O rosnado que ele solta é mais de urso do que de homem.

Abandonando sua gemada na lareira, suas mãos deslizam sob meus braços e se fecham no meio das minhas costas. Instintivamente, ergo os braços e entrelaço as mãos na nuca dele, embora elas mal se toquem lá. Ele olha para mim como se eu fosse algo a ser devorado, e, enquanto começamos a balançar ao ritmo de "*Have Yourself a Merry Little Christmas*", tudo em que consigo pensar é em ser consumida.

— Eu esperava passar um tempo dançando com você algumas das minhas canções de Natal favoritas, mas sabendo disso — o olhar dele desliza para a extensão nua das minhas coxas —... duvido que consiga durar a música inteira.

— Sorte sua que começamos no meio dela.

— Amelia Lawrence, as coisas que você faz comigo.

— O músculo em sua mandíbula se contrai. — Um homem pode ficar viciado.

— Qualquer homem ou você, especificamente?

Ele dá um sorriso malicioso.

— Eu, especificamente.

— Perfeito. — Eu me coloco na ponta dos pés e puxo sua nuca ao mesmo tempo. Ele entende a dica e me encontra no meio do caminho, nossos lábios colidindo em um turbilhão de calor e necessidade que envia um choque de desejo direto ao meu centro.

Ele suspira contra meus lábios.

— Amelia, é agora que eu ganho uma massagem?

Eu sorrio, e ele lambe meus lábios.

— Achei que nunca fosse pedir.

Antes que eu perceba, ele está se curvando e prendendo os braços ao redor das minhas coxas. Ele me ergue e, quando paro de me mover, estou pendurada sobre seu ombro com meu traseiro no ar.

Ele atravessa a porta do quarto com passos decididos e me deposita na cama dele, uma peça enorme que parece esculpida da mesma madeira que o resto do chalé. Caio em um mar de cobertores, e ele rasteja sobre mim, apoiando-se em ambos os lados da minha cabeça.

— Onde você quer que eu fique?

— De bruços. — Eu alcanço a gola da flanela combinando dele. — E tire isso.

— Sim, senhora.

Aquele sotaque.

Ele se senta e tira a camisa. Assim como imaginei, o corpo dele é largo e maciço, com uma penugem escura cobrindo o peito e formando o caminho da felicidade até o sul. Minha boca seca na hora, mas minha boceta está pingando.

Como se soubesse a reação do meu corpo diante da visão do dele, ele dá um sorrisinho. Sempre tão atento.

Ele abre o botão do jeans e se levanta para tirar a

peça. Ainda de pé, ele pega um pote de creme hidratante da mesinha de cabeceira e joga para mim. Acomodando-se à minha direita, com nada além de uma cueca boxer, ele se esparrama de bruços e apoia a cabeça nos braços cruzados.

— Faça o que quiser comigo, Espoleta.

Mordo meu lábio com tanta força que chega a rachar a pele, mas eu nem ligo. Estou com um tesão absurdo.

Eu me sento escarranchada sobre a parte inferior das suas costas, desfrutando da sensação da bunda firme contra meu centro sensível. Os olhos dele se fecham quando despejo uma generosa porção de creme nas minhas mãos e começo a massagear seus ombros, e um gemido suave desliza por entre os lábios entreabertos. Eu pressiono as palmas com mais força contra os músculos das costas, concentrada nas áreas onde obtenho reações mais apaixonadas – com mais gemidos ou ofegos, o que sair. Em todo o tempo, eu reboło os quadris com sutileza, aproveitando até mais do momento.

— Tudo bem. — Coloco as mãos em suas costelas, onde ele parece ter cócegas. — Hora de mudar de posição.

Os olhos de Levi se abrem. Eu me apoio nos joelhos para lhe dar espaço, e ele obedece a minhas instruções; o volume de sua ereção pressionando o tecido fino da cueca. Desta vez, quando me sento devagar, nós dois gememos.

— Eu tenho uma ideia melhor — ele diz. As mãos se acomodam nos meus quadris e me puxam. — Quero você sentada no meu rosto.

Cada músculo interno meu se contrai. Nem sei se estou respirando direito.

— Agora, Amelia. — Ele crava os dedos na minha bunda.

Meus batimentos aceleram, ressoando em meus ouvidos com o sangue fluindo rápido. Eu faço o que ele pede, engatinhando por cima do seu peito e ladeando seu rosto com meus joelhos. Eu paio acima apenas por um segundo, mas até mesmo isso parece hesitação em excesso

para este homem. Ele agarra minhas coxas e me obriga a sentar. Minha boceta encontra sua boca, e a sensação liberta uma onda de prazer por todo o meu corpo.

Enquanto ele lambe o meu centro, eu tiro a camisa de flanela por cima, ficando nua e rebolando contra sua boca. O olhar de Levi permanece focado no meu. Aquelas mãos, sem dúvida, deixarão marcas nas minhas coxas. É gostoso demais observá-lo me apertar para me manter mais perto, me devorando do jeitinho que fantasiei nos meus sonhos mais selvagens.

— Porra, Levi. — Sua língua açoita meu clitóris. — Isso, bem aí.

Ele repete o movimento umas dez vezes enquanto uma das mãos larga minha bunda e espalma meu seio. Ele belisca o mamilo escuro e gira. A sensação de sua língua e seus dedos me enviam por uma espiral avassaladora. Eu reboło contra sua boca descontroladamente, e ele engole cada gota dos meus fluidos que consegue obter da minha boceta.

Meu corpo colapsa contra a cabeceira.

— Puta merda.

Ele segura meus quadris, e quando levanta a cabeça para me encarar, vejo os resíduos brilhantes e evidências do meu prazer em sua barba.

— Ainda não acabamos. — Ele dá um tapinha na minha bunda. — Deite-se de costas.

Minhas pernas estão tremendo e os braços estão fracos, mas dou um jeito de me deitar com a cabeça recostada ao travesseiro que exala seu perfume.

Ele se levanta ao pé da cama e tira a cueca, revelando um pau grosso e duro que seca minha boca na mesma hora. Às suas costas, tem uma cômoda alta onde ele abre a primeira gaveta. Um pacote dourado cintila em sua mão. Ele abre a embalagem e reveste seu pau com a camisinha, sem desviar o olhar em momento algum.

Estou tentando imaginar a logística de como aquilo

vai caber dentro de mim quando ele se ajoelha na cama e pega o travesseiro à direita da minha cabeça. Seus braços se enfiam por baixo da minha bunda e erguem meus quadris, onde ele acomoda o travesseiro. Quando ele me posiciona, nossas pelves estão perfeitamente alinhadas.

— Não vou nem perguntar se você está pronta pra mim — ele rosna. — Eu provei direitinho e vi o quanto você quer isso.

— Por favor, Levi. — Eu me remexo abaixo dele, louca para ser preenchida. — Eu preciso do seu pau.

— É, você precisa. E você vai encarar isso como uma boa garota, não vai?

Aceno em concordância, mordendo meu lábio inferior.

Ele agarra seu pau e o guia até a minha entrada. Aquele primeiro momento em que ele me penetra é tudo o que eu já havia imaginado. Ou mais. Mais apertado. De tirar o fôlego. Ele arremete com força, rápido, se enterrando até o talo. Eu inclino a cabeça para trás e solto um gemido alto, incapaz de reprimir o prazer que me percorre. O grito precisa sair de alguma forma, e vem em forma do nome dele saindo da minha boca.

Uma mão viril se acomoda acima do meu ombro; a outra segura meus quadris no lugar enquanto ele me fode. E ele me fode com vontade. É tudo pelo qual ansiei todas as vezes em que o via de relance na sala de descanso ou sentado ao lado em uma reunião, tentando me concentrar nos relatórios e nos jargões corporativos à medida que o imaginava enterrado profundamente dentro de mim.

Ele solta meu quadril apenas para segurar a minha mão e levar aos seus lábios. Ele pressiona meu dedo indicador contra sua boca. Estou prestes a perguntar o que ele quer quando Levi cospe no meu dedo e guia minha mão até a minha boceta.

— Quero que você se toque. Quero sentir você gozar no meu pau, querida.

Eu engulo em seco e assinto. Meus dedos circulam o clitóris, ainda latejante de quando ele me comeu, e isso me leva ao limite. Quando penso que o momento não pode ficar mais intenso, a mão dele espalma meu seio e ele belisca meu mamilo do jeito que eu adorei antes. Cada parte do meu corpo se acende diante da atenção e do toque de Levi. Em sua próxima estocada, entro em erupção. Meus calcanhares cravam em sua bunda e eu o seguro dentro de mim, drenando meu orgasmo até não sobrar nada.

Seu cabelo cai sobre a testa, e gotas de suor se acumulam em suas têmporas. Ele se senta, tira minhas pernas de onde estavam em volta de sua cintura e as posiciona juntas sobre seu ombro direito. Seus lábios se entreabrem, e ele respira meu nome como um mantra enquanto investe em mim em um ritmo que é só dele. Ainda estou me recuperando do meu próprio orgasmo quando o dele o domina. Eu o observo, completamente absorta, enquanto seu rosto se contrai e depois relaxa, e ele desaba sobre mim, completamente exausto.

— Feliz Natal para mim — murmuro contra sua pele.

Ele se ergue apenas o suficiente para pressionar os lábios nos meus e sussurrar:

— Feliz Natal, Amelia... — Então colapsa novamente sobre mim com um suspiro.

Depois de longos minutos, nós nos levantamos para nos limpar, pegamos Finley e voltamos para a cama. Em seguida, nos enroscamos sob os cobertores, e eu adormeço envolvida firmemente nos braços de Levi.

CAPÍTULO

7



Acordo na manhã de Natal com o som de um motor roncando do lado de fora da janela. O braço de Levi repousa pesado sobre minha cintura, mantendo-me firmemente presa à cama. Belisco sua mão. Ele se mexe, mas não acorda, então dou uma cutucada com o calcanhar na canela dele. Isso funciona.

— Você é sempre tão cheia de energia logo de manhã? — ele resmunga. Sua respiração agita os fios de cabelo na base do meu pescoço, me fazendo estremecer.

— Tem alguém lá fora.

Ele levanta a cabeça.

— Hã?

— Escuta.

Ficamos em silêncio, deixando o som do motor ecoar no meio da nossa conversa.

Ele se levanta num pulo e sai da cama, atravessando o quarto para espiar entre as cortinas blackout. Seus olhos se estreitam, o pescoço esticando.

— Eu não acredito nisso.

— O quê?

Em vez de responder, ele solta um grito animado e corre para puxar o jeans sobre sua bunda nua. Ainda estou lutando para passar minha cabeça pela abertura da camisa de botão dele quando ele escancara a porta do quarto e

desaparece. Momentos depois, ouço o som distante da porta da frente abrindo e batendo.

Finley e eu nos encaramos, igualmente sonolentos e confusos.

— Quer investigar?

Ele solta um latido curto, que interpreto como um sim. Ajusto a flanela de Levi sobre meu corpo, certificando-me de que nada está aparecendo, pego Finley no colo e sigo para a porta.

Lá fora, contra um fundo ofuscante de branco, encontro Levi em pé, sem camisa, entre um grupo de homens. A fonte do som estrondoso, uma caminhonete equipada com um acessório de limpa-neve, está estacionada ao lado do monte de neve que cobre meu carro. Os homens se revezam abraçando Levi com tapas firmes em suas costas nuas, deixando uma série de marcas de mão em suas escápulas. Um deles – um homem quase tão alto quanto Levi, mas com o dobro de largura, o que eu não achava possível – me vê pelo canto do olho e se vira, estreitando o olhar como se eu fosse uma ilusão.

— Cara, viemos até aqui para te resgatar de uma tempestade de neve só para descobrir que você nem está preso, só arranjou uma companhia melhor! — o homem grita.

De repente, os outros cinco homens se viram para me olhar. Quatro deles com expressões variadas de surpresa, enquanto Levi apenas exhibe um sorriso extasiado.

Levi diz algo aos caras que é abafado pelos latidos animados de Finley. Ele se remexe para sair dos meus braços, desesperado para conhecer os recém-chegados. Estou prestes a pegar sua coleira – e um par de calças – quando os homens começam a se aproximar de mim, um por um, com Levi à frente. O grandalhão que me notou primeiro para um instante para desligar o motor da caminhonete antes de segui-los.

Levi começa a correr para chegar até mim antes

deles. Sua pele está manchada pelo frio, mas seus olhos brilham quando ele chega ao meu lado e planta um beijo na minha bochecha.

— Você talvez queira colocar uma calcinha. — Ele pisca. — Minha família acabou de chegar.



— A cidade limpou a rua — explica Joseph, o grandalhão. — Achamos que poderíamos fazer o resto do caminho.

— Direto para sua casa — acrescenta Kaden, o mais magro dos cinco recém-chegados, com dreadlocks nos ombros e um sorriso tranquilo.

TJ pega um pão no centro da mesa. Aparentemente, eles não vieram apenas para resgatar Levi. Também trouxeram uma refeição digna de envergonhar Paula Deen, a chef culinária.

— Não podíamos deixar você perder o Natal.

— E estragar dez anos de tradição. — Monty raspa os restos de purê de batatas no prato e os enfia na boca.

Joseph, TJ, Monty e Kaden continuam discutindo seu grande plano, enquanto Landon – o mais quieto de todos – observa com um sorriso divertido. Seu cabelo ruivo vibrante e olhos verdes contrastam tanto com o corte escuro e os olhos quase negros de Levi que vê-los juntos é um pouco desconcertante. Mas eles imitam os movimentos um do outro sem perceber – um testemunho não apenas do tempo de amizade, mas da profundidade dela. Como todos os caras na mesa, eles se conhecem desde os tempos do Wisconsin Badgers. Pelo menos foi o que me disseram.

— Então vocês fazem isso todo Natal? — pergunto.

— Sim — responde Joseph. — Cada ano na casa de uma pessoa diferente, mas sempre juntos.

— Desta vez seria na casa do Monty, já que ele e a

esposa acabaram de se casar, mas esse cara aqui — ele aponta para Levi — decidiu que queria duas vezes seguidas, aparentemente.

— Olha, eu não controlo o clima! — Levi diz, levantando as mãos em defesa. Quando as abaixa, coloca uma na minha perna, sob a mesa, e aperta. — Eu só tenho muita sorte.

Meu coração tropeça. Como não, com ele dizendo coisas assim? E com seus dedos traçando círculos lentos no meu joelho, e o jeito como ele me olha de canto de olho e sorri, é difícil não ter ideias. Difícil não querer que isso signifique algo mais.

Meu telefone vibra no bolso, interrompendo meus pensamentos. Liguei-o enquanto me vestia para ver se havia atualizações de Paige, mas encontrei uma infinidade de chamadas perdidas da minha mãe e algumas mensagens com combinações sugestivas de emojis da minha amiga, incluindo um floco de neve e um pêssego que ainda estou tentando decifrar.

O nome da minha mãe aparece na tela. Estou prestes a bloquear a chamada e guardar o telefone quando a mão de Levi se move do meu joelho para o meu pulso, atraindo meu olhar para o dele.

— É melhor atender. — Ele dá de ombros. — Nunca se sabe.

Eu sei, quero dizer. É sempre a mesma coisa com minha mãe. Mas algo sobre este fim de semana me faz sentir otimista. Ou idiota. O júri ainda está deliberando. De qualquer forma, o toque firme dele me faz agir contra todo instinto e aceitar a chamada enquanto peço licença da mesa. Desapareço no quarto de Levi, preparada para me decepcionar.

— Alô?

— Amelia! Onde você esteve? Estou ligando há dois dias e vai direto para a caixa-postal.

Sento na beirada da cama, ainda bagunçada da nossa

noite juntos. Apesar da ansiedade no meu estômago, sorrio.

— Desculpe, a energia caiu onde estou hospedada. Não tinha sinal.

Não é exatamente uma mentira, embora eu certamente esteja omitindo o fato de que desliguei o telefone em primeiro lugar para me afastar dela. Eu só precisava de um pouco de espaço de tudo. Não que ela fosse entender.

— Oh, querida, fiquei tão preocupada com você.

Isso não soa certo.

— Você ficou?

— Sim! — Sua voz carrega uma intensidade à qual não estou acostumada. Normalmente, o máximo que recebo é uma atenção superficial enquanto ela leva os gêmeos para o próximo encontro ou jogo de futebol. — Eu só... queria falar com você sobre o que disse no sábado.

Meu coração despenca como um balão de chumbo.

— Mãe, eu realmente não quero entrar nesse assunto. — Minha mente vagueia até o grupo na cozinha, incluindo o homem cujo toque sinto falta, mesmo nesses poucos minutos em que estivemos separados. — Estou tendo um bom Natal pela primeira vez e...

— É justamente isso, Amelia — ela diz. — Você deveria estar tendo um bom Natal. Sempre deveria ter tido. Fiquei chocada no sábado, mas não porque o que você disse não fosse verdade. Porque era.

Fecho os olhos, tentando conter as lágrimas que surgem de repente, mas elas não obedecem. Escorrem pelas minhas bochechas, molhando meus lábios e encharcando meu pescoço no caminho.

— Quando os gêmeos nasceram, eu comecei tudo de novo. E foi difícil. Incrivelmente difícil. Afinal, você sempre foi uma criança tão independente, e eles... bem, agora percebo que talvez você fosse independente porque precisava ser, não porque queria. E então eles vieram, e embora não fosse sua culpa, tomei essa decisão e fiz disso

um problema seu. Eu estava me perdendo ao criá-los e, sempre que você vinha para casa, eu jogava eles pra você e fugia. O que não foi justo com você ou com seus irmãos. — Ela soluça, e percebo que está chorando também.

Imagino-a no quarto perfeitamente decorado que ela e Peter compartilham, em uma cidade que ela nunca conheceu até se mudar para lá por causa dele, com duas crianças pequenas no andar de baixo que dependem dela para tudo enquanto Peter trabalha o dia todo para sustentá-los. Cada uma dessas foi uma decisão dela, sim, mas, pela primeira vez, vejo isso pelos olhos dela. Sinto o pânico. Percebo a sobrecarga.

Imagino perder meu casamento com meu amor do ensino médio da pior forma possível, depois encontrar alguém que me fizesse acreditar no amor novamente. Depois, uma gravidez, com gêmeos, justamente quando minha filha crescida está finalmente começando sua vida adulta. Não posso desculpar o modo como ela me tratou, mas consigo vê-la como um ser humano que tomou uma decisão falha. Na verdade, várias.

— Sinto muito, Amelia. Nunca vou conseguir compensar todos esses anos em que te fiz sentir esquecida... mas você não é. Prometo que não é. E, se você me permitir, gostaria de fazer tudo o que puder para provar isso para você.

— Mãe, eu... — Fecho a boca. Não há palavras que façam justiça aos sentimentos dentro de mim. Alívio por ela reconhecer que eu não sou, de fato, louca. Que ela realmente errou. Que eu fui injustiçada e que minha dor e angústia são justificadas.

Mas também há esperança e hesitação. O desejo de acreditar que as coisas podem realmente mudar. Medo de que não mudem e que tudo isso seja em vão.

Não. Nunca em vão. Eu falei por mim mesma e posso fazer isso novamente. Se este tempo com Levi me ensinou algo, é que sou mais forte do que percebi. Mais corajosa. E

consigo fazer coisas difíceis.

— Não espero uma resposta agora. — Seus soluços e respirações entrecortadas preenchem meu ouvido. — Mas aluguei um apartamento em Elkhorn para o Ano-Novo. Só nós duas. Sem crianças. Sem Peter. Quero passar um tempo juntas sem distrações.

A porta do quarto se abre, e Levi enfia a cabeça, a sobrelanceira erguida em questionamento. Aceno com a cabeça, e ele entra, fechando a porta atrás de si.

Levi desliza para trás de mim, envolve seus braços em volta do meu estômago e me puxa contra ele. Cada músculo do meu corpo relaxa com sua proximidade, aquece com seu toque. Isso me dá a força de que preciso para responder.

— Mãe, adoraria passar o Ano-Novo com você. — Ela engasga, mas antes que possa falar, acrescento: — Mas vai levar tempo. Preciso que você saiba disso. O estrago não foi feito da noite para o dia, e não será consertado tão rapidamente também.

— Eu sei, querida. Peguei o contato da terapeuta da Linda e vou ligar para ela depois das festas. E contratamos uma babá. O nome dela é Josephine, e ela é adorável. — Ela faz uma pausa para respirar fundo, e faço o mesmo. — Não quero que você se ressinta com seus irmãos, e tenho medo de que eu tenha prejudicado a relação entre vocês três com meu comportamento. Mas eles te adoram, e espero que um dia vocês possam ter o tipo de relação que eu tinha com minha irmã mais velha.

Sorrio ao pensar na tia Marcy, que faleceu há doze anos em um acidente de carro que abalou o mundo da nossa família. Ela e minha mãe eram inseparáveis. Nós três fazíamos festas de pijama e dias de Spa, festas dançantes e noites de cinema. Algumas das minhas melhores memórias vêm desses momentos.

— Também quero isso, mãe. — E quero mesmo. Quero que Aiden e Audrey sempre saibam que têm uma

irmã mais velha que os ama. E agora que não preciso ser a babá deles, talvez possa começar a ser amiga deles.

— Eu te amo, Amelia. Sinto muito por ter sido péssima em demonstrar isso.

Meu coração, que nos últimos anos pensei ser algo fraturado e incapaz desse tipo de emoção, se enche com o peso dessas palavras.

— Também te amo, mãe. E obrigada.

— Vou deixar você voltar para o seu feriado. Mas, Feliz Natal, querida. Mal posso esperar para te ver.

— Feliz Natal.

A ligação encerra, e deixo o telefone cair no meu colo. A cabeça de Levi mergulha na curva do meu pescoço. Seus lábios roçam a pele exposta ali, e eu me arrepio contra ele.

— Minha mãe pediu desculpas.

— Ela pediu? — Ele pressiona um beijo na cavidade atrás da minha orelha.

— E ela quer passar o Ano-Novo juntas. Só nós duas.

A cabeça dele se levanta, deixando meu pescoço exposto ao frio. Viro-me para olhá-lo por sobre o ombro. Sua expressão é pensativa. Séria.

— Amelia, isso não é pouca coisa.

Uma risada borbulha e escapa, sacudindo-me até o núcleo. Ele se junta a mim, e nós dois nos engasgamos entre risadas. É um momento tão leve depois de algo tão pesado que fico tonta com a alegria disso.

Há uma batida na porta. Levi me olha em busca de permissão antes de gritar:

— Entre.

TJ espreita a cabeça. Um sorriso malicioso se espalha por seu rosto quando ele nos vê praticamente abraçados na cama.

— Os caras queriam brincar de bola de neve, se vocês dois quiserem participar.

— Bola de neve? — pergunto. — Tipo uma guerra de

bolas de neve?

— Não exatamente — Levi diz.

O sorriso de TJ fica ainda maior.

— Por que vocês não veem ver por si mesmos?

E foi assim que acabei assistindo a um grupo de homens adultos jogando futebol na neve com uma bola de neve gigante no lugar da tradicional.

CAPÍTULO 8



Jogar com uma bola de neve faz muito pouco sentido logístico, considerando que ela explode no segundo em que alguém a aperta com força demais, mas há seis homens na minha frente lutando por um pedaço de água congelada como se fosse um pote de ouro. Dizer que estou entretida é o eufemismo do século.

E, afinal, quem sou eu para julgar os prazeres deles?

Quando eles terminam, meus dedos dos pés estão congelados, e a única razão pela qual o resto do meu corpo não está é porque Finley está aninhado nos meus braços, atuando como um aquecedor compacto. No minuto em que Joseph anuncia que é hora de reabastecer enquanto dá tapinhas na barriga do mesmo jeito que Levi faz, aproveito o momento para entrar e buscar calor.

O grupo entra no pequeno chalé com a graça de uma manada de touros. Eles avançam sobre as sobras do nosso almoço como se estivessem literalmente famintos. Imagino as pobres esposas e famílias lidando com isso todo Natal – espero que em um espaço muito maior do que este – e dou risada comigo mesma.

— Tudo bem, como alguém que não teve água quente por dois dias, tenho prioridade no primeiro banho. — O olhar de Levi se volta para mim. — Você vem junto, Espoleta?

Pressiono os lábios e aceno com concordância, o que rende uma rodada de gritos e um preservativo jogado em Levi por Landon, o silencioso, de todas as pessoas.

Do outro lado da porta do banheiro, tudo se torna um som abafado. A memória dos dedos dele dentro de mim ontem, minha pele quente e escorregadia contra o granito frio, me faz estremecer. Levi, como sempre, percebe.

— No que você está pensando?

— Acho que você consegue imaginar. — Eu me aninho em seus braços à espera, que me envolvem como se estivéssemos fazendo isso há muito mais tempo do que apenas um dia. — Afinal, você estava lá.

— Amelia... — ele geme. — Você é um perigo ambulante.

— Talvez, mas pelo menos sou divertida. — Fico na ponta dos pés e mordo de leve seu ombro.

— Isso você é. — Ele me solta e se vira para a banheira. Ele puxa a cortina do chuveiro e liga a água no máximo. Quando a água sai do chuveiro, vapor sobe imediatamente. — Quer se divertir no chuveiro quente?

Eu tiro o suéter como resposta.

Quando estamos ambos sem roupa, ele entra no chuveiro primeiro, e eu o sigo, puxando a cortina para fechar atrás de mim.

— Vire-se.

Faço o que ele pede. Fico de costas para ele, imaginando qual parte do meu corpo ele vai atacar primeiro. Acariciar meus seios? Ou, já que ele pediu para eu me virar, talvez ele vá me inclinar e abrir minhas nádegas sem nenhuma preliminar. Afinal, estou molhada o suficiente para isso. A antecipação acelera meu estômago, enquanto meu pulso se dirige diretamente para entre minhas pernas.

Para minha surpresa, ouço um som de algo espirrando acima da minha cabeça, e então uma porção de xampu cai sobre meu couro cabeludo. Olho para trás justo

quando ele devolve meu frasco de *TRESemmé* à prateleira ao lado da banheira. Ele se endireita e me encontra olhando para ele, ao que ele responde:

— O que foi?

Balanço a cabeça, sentindo o xampu escorrer um pouco.

— Nada, só não era o que eu esperava.

Ele usa uma mão de cada lado da minha cabeça para me virar para frente e começa a massagear o xampu no meu couro cabeludo com dedos habilidosos.

— O que você esperava?

— Algo mais indecente.

Seu riso é baixo e rouco.

— Não se preocupe, ainda temos tempo.

Inclino a cabeça em suas mãos, aproveitando o tratamento de Spa mais do que esperava.

— Se ficarmos aqui muito tempo, seus colegas nunca vão nos deixar esquecer.

Ele inclina minha cabeça totalmente para trás. Com sua altura, ele se inclina e me beija mesmo assim. E ele o faz.

— Valeria a pena.

Murmuro minha aprovação. Quando ele está satisfeito de que estou bem ensaboada, ele pega a ducha e enxágua meu cabelo, tomando cuidado para evitar meus olhos. Assim que devolve a ducha à posição, viro-me em seus braços, meus seios roçando contra seu estômago, e olho para cima.

— Estou feliz que você conseguiu passar o Natal com eles, afinal.

Um canto da boca dele se ergue.

— Eu também.

— Esse tempo todo, achei que você ia ver sua família. Ele pisca lentamente, a expressão sombria.

— Eles são minha família.

— Ah? — Minha voz sobe um tom, mas mantenho a

leveza. Não quero que ele sinta que precisa explicar, mas quero que saiba que pode.

Um suspiro pesado escapa de seus lábios. O cheiro de hortelã invade meus pulmões. Um cheiro que já sei que vou sentir falta quando este fim de semana acabar.

— Meus pais não eram exatamente os melhores. Entravam e saíam da cadeia, nunca ficavam sóbrios por muito tempo. Fui criado principalmente pelos meus avós, e eles faleceram quando eu estava na faculdade. — Seus olhos se fecham, como se estivesse se lembrando. — Até conhecer aqueles caras, o Natal era só mais um dia em que eu me sentia inadequado por causa da família que tinha. Mas meus colegas de time... eles se tornaram minha família. E agora tenho cinco famílias diferentes, em cada uma das casas deles, com quem passo todo Natal. O que costumava ser um dia triste agora é o dia mais especial do ano.

— Por isso que era tão importante para você tornar este Natal especial para mim — digo em vez de perguntar. Já sei a resposta. Fico devastada por este homem, de quem aprendi a gostar tanto em poucos dias. Sinto-me boba por reclamar dos meus pequenos problemas quando, comparado a ele, não tenho razão para reclamar.

Ele toca meu nariz com o dedo.

— Essa expressão aí é o motivo de eu não ter contado antes.

Minha testa se franze.

— O que você quer dizer?

Seus braços me envolvem como uma prisão, efetivamente criando barreiras de ambos os lados da minha visão. Não consigo olhar para nenhum lugar além dele.

— Você desmerece sua própria dor, Amelia. — Ele se inclina para frente e pressiona um beijo contra minha testa. — Assim como alguém ter uma vida melhor que a sua não tira sua felicidade, alguém ter uma vida, entre aspas, pior que a sua não diminui o que você passou.

Meu coração se enche, subindo até a garganta, dificultando a respiração. O que fiz para merecer este momento? Com este homem? Porque vou continuar fazendo isso para sempre, eu juro. Qualquer coisa para manter isso. Ele.

Um desejo assustador, mas ainda assim está ali. E não posso mais ignorá-lo.

— Levi, para onde vamos a partir daqui?

Seu olhar se fixa no meu.

— Isso depende.

— Continuar?

— Bem, vou precisar de pelo menos os próximos setenta Natais para fazer tudo o que quero fazer com você. Mas, nos últimos, talvez eu não me mova como agora.

Estou lutando para segurar um sorriso quando digo:

— Então, qual é a alternativa?

— A alternativa — suas mãos escorregam para baixo da curva da minha bunda e me levantam até ficarmos olho no olho, e minhas pernas envolvam sua cintura — é que eu tenha todos os dias entre eles também. Assim posso espaçar um pouco. Dar um descanso pra você.

Ele me abaixa lentamente até que sinto seu membro pressionando minha entrada. Eu suspiro e depois gemo:

— E se fizermos um compromisso?

— Estou ouvindo. — Enquanto ele diz isso, solta uma das mãos da minha bunda para alcançar algo fora da cortina do chuveiro. Ela volta segurando o preservativo que Landon jogou, e ele o rasga com os dentes.

— E se optarmos por todos os dias no meio e sem descanso?

De alguma forma, ele desenrola o preservativo sem olhar e então se guia para dentro de mim como uma resposta a uma oração. Ou à minha pergunta. Estou torcendo pela última.

— Acho que consigo lidar com isso. — Ele pontua a frase com uma estocada.

Estou rapidamente perdendo a capacidade de formar frases coerentes, mas consigo sussurrar um “*Graças a Deus.*”

Ele faz uma pausa, tira uma das mãos da minha bunda novamente, e desta vez aponta para o próprio peito.

— Na verdade, é Levi.

— Você é insuportável.

— Talvez. — Ele pressiona um beijo contra meus lábios franzidos. — Mas sou seu.

E então ele prova isso, repetidamente, até a água quente esfriar.

EPÍLOGO



Minha perna está tremendo incontavelmente. Tenho certeza de que Levi quer me dizer para me acalmar, que isso tudo não é realmente um grande problema, mas ele não diz. E eu o amo um pouco por isso. Um sentimento que ainda não consigo expressar em voz alta, mas que posso sentir ao fundo da minha mente, crescendo a cada momento passado ao lado dele. Cada tentativa ruim de fazer uma piada, ou gesto gentil que ele faz só porque quer.

Como dirigir pela cidade inteira na véspera de Ano-Novo para me deixar no condomínio onde minha mãe está me esperando, porque eu estava ansiosa demais para fazer isso sozinha.

Não que eu precisasse dizer isso. Um olhar para mim e ele simplesmente sabia.

Sua mão cruza a divisória do console central e repousa no meu joelho inquieto. Fecho os olhos e me deleito com seu calor, deixando todos os pensamentos negativos escaparem de mim. Isso vai ser bom. E se não for, vou descobrir como lidar com isso.

Abro os olhos e me viro para encará-lo. Ele deve perceber o movimento pelo canto do olho, porque por um breve momento ele olha para mim e sorri.

— Lembre-se de que, se precisar de algo, estou a um telefonema de distância. — Ele liga a seta. — Ou uma

mensagem. Às vezes, um pombo-correio, embora o serviço esteja instável hoje em dia.

Dou um riso nervoso. A tensão na minha coluna diminui. Porque essa é a questão, não é? Mesmo que eu não soubesse como lidar com as coisas com minha mãe, agora tenho ele para me ajudar a descobrir. Ainda me maravilho com esse fato tarde da noite, enquanto ele ronca suavemente ao meu lado na minha cama ou na dele, embora geralmente na dele porque a minha é muito pequena.

— Quando isso acabar, seja bom, ruim ou indiferente, podemos ter uma noite de vinho e cookies na sua casa? Para brindar ao meu sucesso em ter conversas de adulto?

Ele estreita os olhos.

— Cookies normais ou cookies de lareira?

— Cookies de lareira, com certeza.

Paramos no que o GPS diz ser a entrada da garagem. Isso é confirmado um segundo depois, quando minha mãe sai para a varanda da unidade inferior. Ela parece diferente do usual. Abandonou as calças sociais engomadas e camisas de botão por um suéter casual e jeans. É algo que ela usaria quando eu era pequena, o que me faz sorrir.

Talvez todos nós estejamos crescendo. E, de muitas maneiras, devemos isso a Levi.

Meu telefone vibra e desvio o olhar de minha mãe para verificar.

Paige: No último dia do cruzeiro. CLARO.

Anexo à mensagem está uma foto da minha melhor amiga sorrindo ao lado do amor da vida dela, ostentando um anel de noivado novinho no dedo.

— Paige ficou noiva! — Inclino-me para mostrar a Levi.

— Isso é incrível! — Ele pega o telefone da minha

mão e seleciona o ícone da câmera. Nós dois nos inclinamos para a tela e fazemos nossas melhores caras de surpresa, que ele fotografa e envia para Paige junto com os parabéns.

O sinal dela tem oscilado, então não consegui dar muitas atualizações. Quando ele me devolve o telefone, as mensagens já estão chegando. Principalmente emojis de ursos, junto com algumas das clássicas berinjelas dela.

Minha mãe nos avista justo quando levanto o olhar. Ela usa a mão como um visor e estreita os olhos para o carro. Levi, sempre tão amigável, acena entusiasticamente para ela. Ela retribui, mas sua expressão é de confusão.

— Adicione isso à lista de coisas para conversar. — Rio e alcanço a maçaneta.

— Ei — Levi diz, segurando meu joelho mais uma vez. Viro-me, encontrando um olhar que expressa encorajamento e confiança. Ele sabe que posso fazer isso. E porque ele sabe, eu também sei. — Vai ser bom, okay? Isso é algo ótimo.

Aceno em concordância.

— É algo importante, não é?

— Tudo bem, dá o fora.

— Essa foi pelo menos dez vezes mais engraçada do que a maioria das coisas que você diz.

— Escuta, Amelia, eu não sou o padrão que você deveria seguir. — Ele diz isso com a mão plana sobre o coração, as sobrancelhas franzidas em seriedade.

Inclino-me e pressiono um beijo em seus lábios.

— Te vejo no ano que vem?

Ele geme e revira os olhos, mas devolve o beijo no final.

— Até o ano que vem, Espoleta.

Saio do carro, pego minha bolsa no porta-malas e sigo em direção ao condomínio. Minha cabeça está erguida, e encaro minha mãe diretamente. Estou entrando em uma nova fase do nosso relacionamento e da minha vida, com

confiança.

Sou corajosa, e estou cansada de acreditar em qualquer coisa diferente disso.

FIM

AGRADECIMENTOS



Antes de tudo, um muito obrigada ao meu noivo maravilhoso, Andrew, por não ter se importado quando me tranquei em nosso escritório durante a semana inteira para escrever este conto. Você me levou comida e água, além de ter cuidado dos cachorros, e sou grata por ter você comigo. Você é o colega de trabalho mais sexy que já tive, e mal posso esperar para te chamar de 'marido' em algumas semanas.

Obrigada aos meus amigos por me encorajarem a escrever esta ideia mirabolante. Mas, ainda mais importante, muito obrigada, Jackie Egan. Sua amizade é muito importante para mim, e o fato de você acreditar que sou capaz de fazer essas coisas loucas é um dos principais motivos para eu conseguir fazer. Você é incrível, e tenho muita sorte em ter você na minha vida.

Obrigada, Katie, por se juntar à Jackie na betagem deste manuscrito em cima da hora. Você é incrível. Estou contando os dias pela nossa próxima viagem aos vinhedos.

Lindsey Lanza e Ali, devo um bocado a vocês por todas as ideias sobre o título e por compartilharem minha empolgação com este projeto secreto. Foi bem difícil guardar esse segredo, mas vocês foram fundamentais para dividir essa alegria.

À minha irmã, Lea Ann, por estar disposta a fazer

uma revisão de última hora. E por acreditar na minha capacidade de realizar meus sonhos. Eu te amo mais do que as palavras podem expressar. Eu sou o Aiden e a Audrey para a sua Amelia - a irmã mais nova que você nunca esperou ter, com certeza, aos vinte e dois anos. Mas eu te admiro demais. Obrigada por ser minha irmã e minha mais querida amiga também.

E, finalmente, obrigada a todos os meus leitores por fazerem de 2023 o ano mais incrível da minha vida. Espero que vocês amem essa pequena história de amor, e mal posso esperar para trazer mais para vocês no próximo ano.

SOBRE A AUTORA



As conquistas de Hannah incluem uma professora da segunda série que disse que sua história sobre morcegos tinha “muito potencial” e medalhas de atividades suficientes para afundar um navio. Seus objetivos de vida são escrever romances que façam você chorar e riscar tudo da lista de desejos que escreveu aos dezessete anos.

Hannah mora entre as colinas ondulantes do Tennessee com sua outra metade e seus grudentos golden retrievers. Quando não está escrevendo, ela está tentando superar sua vontade de comer doces, na academia.

Você pode acompanhar a jornada de escrita de Hannah em seu site, hannahbirdauthor.com, e em todos os destinos literários listados abaixo:

Facebook.com/hannahbirdauthor

Instagram.com/hannahbirdauthor

Amazon.com/author/hannahbird

Goodreads.com/hannahbird

Tiktok.com/@hannahbirdauthor



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

<http://www.thegiftboxbr.com>

<Facebook.com/thegiftboxbr>

Instagram: [@thegiftboxbr](#)

Twitter: [@GiftBoxEditora](#)

Viu alguém divulgando este ou qualquer outro livro da editora de forma ilegal? Denuncie! Ajude-nos a combater a pirataria denunciando aqui:

<https://forms.gle/PDEwLhqAQpLeX3eh9>

